

## Textos e versões

---

A Travessia de Gilgamesh.  
Drama.

Ordep Serra  
Universidade Federal da Bahia

## Resumo

Versão teatral das narrativas em torno do herói mesopotâmico Gilgamesh, registradas em tabuletas de barro em escrita cuneiforme. Homens e deuses envolvidos em dramas originários.

Palavras-chave: Gilgamesh, Mito, Teatro.

## Abstract

*Theatrical adaptation of the narratives around the Mesopotamian hero Gilgamesh, recorded on clay tablets in cuneiform script. Men and gods involved in a mythological drama.*

*Keywords: Gilgamesh, Myth, Theatre.*

## A Travessia de Gilgamesh. Drama.

### Personagens principais

**SIN-LEQUÉ-UNNINI** – Poeta a quem se atribui a autoria da versão assíria da Epopeia de Gilgamesh. No texto ele é, a princípio, identificado pelo seu nome, mas em seguida suas falas são indicadas com a letra P, correspondente a “Poeta”.

**GILGAMESH** – Rei de Uruk, filho da deusa Ninsun e do herói Lugalbanda, também celebrado como Senhor de Kulab. Protagonista.

**ANU** – Deus Céu. Teônimo correspondente ao sumério An. Divindade suprema, Pai dos Deuses do panteon súmero-acadiano. Primeira pessoa da trindade mesopotâmica.

**ENLIL** – Filho e vizir de Anu, segunda pessoa da trindade suprema dos mesopotâmios, Senhor da Terra.

**EA** – Senhor do Apsu, ou seja, do abismo aquático que subjaz ao mundo, fonte de todos os cursos d’água. Terceira pessoa da Trindade súmero-acadiana. Corresponde ao sumério Enki. O divino Ea também chamado de Niningiku Ea, é o deus sábio por excelência.

**SIN** – Deus Lua, pai do Deus Sol, Shamash, e também da deusa Ishtar.

**SHAMASH** – Deus Sol.

**NINURTA** – Deus guerreiro, filho de Enlil.

**NINMAH** – Deusa suprema, esposa de Anu. A Grande Mãe, detentora dos títulos de Rainha do Céu e Mãe dos Deuses.

**NINLIL** – Grande deusa, esposa do deus Enlil.

**NISSABA** – Divina senhora dos campos de trigo e cevada, uma Ceres mesopotâmia.

**ARURU** – Grande mãe criadora dos animais e dos humanos. É grande a semelhança entre ela e Ninmah, com quem por vezes se identifica.

**NINSUN** – Deusa rica em sabedoria, mãe de Gilgamesh, distinguida como o título sacro de Vaca Celeste, Vaca do Céu.

**ISHTAR** – Deusa mesopotâmia cujo nome acadiano também significa Senhora, Grande Senhora. Corresponde à deusa Inana dos sumérios. Divindade guerreira e lasciva, patrona do amor e da batalha.

**SHAMTAR** – Dama dedicada ao culto de Ishtar. Prostituta sagrada.

**ENKIDU** – Rival, depois companheiro e amigo de Gilgamesh. Homem selvagem criado para bater-se com Gilgamesh.

**HUMBABA** – Monstro, guardião da Floresta dos Cedros.

**HOMEM ESCORPIÃO** – Príncipe dos homens-escorpião que guardam a cordilheira geminada de Mashu, passagem do Sol.

**MULHER ESCORPIÃO** – Esposa do soberano dos homens-escorpião.

**SIDURI** – Senhora de uma taberna no extremo do mundo, hábil na preparação de bebidas espirituosas, com algo de feiticeira.

**URSHANABE** – Barqueiro de Utanapístim, único a navegar as Águas de Morte.

**UTNAPÍSTHIM** – Também chamado de Atrahâsis, ou seja, o sábio supremo, sobrevivente do dilúvio.

**MATRIARCA** – Esposa de Utanapístim, hospedeira de Gilgamesh.

## Grupos

GRUPO DOS ASSIRIÓLOGOS – figurantes no Prólogo.

GRUPO DOS POETAS – figurantes no Prólogo.

CORO DOS GUERREIROS – ativo no Prólogo.

GRUPO DOS GUARDAS – ativo no Ato II, cena 4.

CORO DE CIDADÃOS DE URUK – homens e mulheres – Ato I, Cena 1; Ato II, Cena 1; Ato II, Cena 4; Ato III, Cena 5)

GRUPO DOS ANIMAIS – dançarinos ativos no Ato I, Cena 2.

GRUPO DE MÚSICOS – tocadores de lira, pandeiro e alaúde, ativos no Ato II, Cena 1.

CORO DAS CORTESÃS – ativo no Ato II, Cena 1

CORO DO CORTEJO NUPCIAL – ativo no Ato II, Cena 4.

CORO DOS ANCIÃOS DO CONSELHO – ativo no Ato III, Cena 1.

CORO DAS CARPIDEIRAS – ativo no Ato IV, Cena 4.

CORO DOS HOMENS-ESCORPIÃO – ativo no Ato V, Cena 1.

CORO DE NOBRES – ativo no Epílogo.

## Personagens secundários

JOVEM CAÇADOR

VELHO CAÇADOR

PASTOR

SERVO DO PALÁCIO

ANCIÃO I e ANCIÃO II – Ato II, Cena 1.

CEGO E FILHO DO CEGO – Ato II, Cena 3.

**MINISTRO**

**SENTINELA**

**CIDADÃOS DE URUK: HOMEM 1, HOMEM 2, HOMEM 3, HOMEM 4** – Ato III, Cena 5.

**SACERDOTE 1, SACERDOTE 2, SACERDOTE 3** – Ato III, Cena 5.

**AIA 1, AIA 2** – Ato IV, Cena 3.

**CURADOR** – Ato IV, Cena 3.

**ALTO SACERDOTE** – Ato IV, Cena 4.

**HOMEM-ESCORPIÃO**

**MULHER-ESCORPIÃO**

**SERPENTE** – dançarino ativo no Ato V, Cena 5.

**PROFETA** – Epílogo. Pode ser o mesmo Poeta.

**CRIANÇA** – Epílogo.

**JOVEM MÃE** – Epílogo.

**RAPAZINHO** – Epílogo.

**CIDADÃO, HOMEM MADURO** – Epílogo.

## Prólogo

Quando se abre a cortina vê-se um homem envolto numa túnica que lhe cobre o corpo todo. Tem a cabeça velada também, de modo que apenas se enxergam vagamente seu rosto, suas mãos e seus pés. Ele está sentado sobre um banco rústico. Diante de si tem um grande tijolo de barro que risca com um estilete de bambu. Vêm-se utros “tijolos” semelhantes em diferentes lugares do pros-cênio. (Devem ser objetos leves que imitem os livros de barro mesopotâmicos. Por conveniência teatral, têm de ser portáteis). O personagem que primeiro aparece em cena, o Poeta, ergue-se lentamente mas permanece imóvel e até cerra os olhos. Homens com trajes modernos, que aparentam não o enxergar, entram no palco e fotografam as tábulas, isto é, os livros de barro com signos

cuneiformes. São os assiriólogos. Têm ar de sábios, de eruditos: tomam notas, sussurram, fazem mímica de quem discute amigavelmente em torno dessas peças, que por fim carregam, cheios de entusiasmo. Levam consigo até o banco onde se assentava o Poeta e o “livro” que ele estava a escrever. O cenário pintado, ao fundo, imita ruínas de uma cidade mesopotâmia. Quando os pesquisadores se retiram, este pano de fundo é substituído por outro telão (ou outra projeção) com imagens de uma Babilônia ou uma Nínive reconstruída, fotografias dos belos relevos babilônios e assírios, de estátuas dos reis e deuses mesopotâmicos. O Poeta fica sozinho no palco. Uma voz ressoa:

V. SIN LEQUÉ UNNÍNI!

Silêncio.

Pausa curta.

A voz torna a soar:

V. SIN LEQUE UNNÍNI!

Nova Pausa. O personagem no centro do palco abre os olhos, mas permanece em silêncio. A voz ecoa de novo:

V. VENHAM, ESCRIBAS DE ENTRE-RIOS! CANTORES DE GILGAMESH, APAREÇAM!

Entram em cena homens com trajés típicos dos povos antigos da Mesopotâmia (assírios, babilônios, acádios, sumérios). Esses homens rodeiam o personagem que os antecedeu no palco, envolvendo-o numa dança que o esconde por momentos. Deixam o palco em seguida. Quando se afastam, vê-se que o poeta está nu (ou seminú) e tem o corpo tatuado com signos cuneiformes. Ele continua imóvel e tem de novo as pálpebras cerradas. A voz torna a soar:

V. POEMA, ABRE OS OLHOS! BARRO COZIDO, ABRE TUA BOCA!

O personagem se move lentamente, aponta para longe e começa a falar. Sua atitude sugere que ele que vê à distância a pessoa de quem fala. Exprime-se de modo solene:

P. *Longe, bem longe, seus passos o levaram  
numa grande viagem.  
Ele tudo viu, tudo contemplou.  
Gilgamesh, sim, tudo conheceu  
na terra dos homens  
e também no ermo:  
na estepe selvagem,*

*no imenso deserto,  
mais além dos rios.  
Sim, ele viu  
as raízes dos rios soberbos  
e enxergou o abismo.  
Errante, conheceu  
o mar tenebroso.  
Atravessou o vale, o planalto,  
as veias escuras da montanha.  
Descobriu o oculto,  
as sendas do extremo.  
O Rei Gilgamesh, o filho de Ninsun,  
Touro bravo de Lugalbanda,  
descerrou o encoberto  
e trouxe a história de muito longe:  
do mundo que havia  
antes do dilúvio.*

Pausa. Som de trompa. Aparecem homens armados em dois grupos de seis: um bando que entra pela direita e outro que vem pela esquerda. No grupo da direita um guerreiro traz um estandarte em que está figurado Gilgamesh. Os seus companheiros o ladeiam e ambas as alas se dispõem formando um discreto semicírculo com o poeta no centro. No grupo que se alinha simetricamente do lado oposto, outro porta-estandarte exhibe uma figuração da cidade de Uruk, com o templo de Anu (o Eana) em destaque. Integram também este segundo grupo dois homens com uma arca que depositam no chão do palco. À medida que transcorre a récita descrevendo cidade e templo, os coreutas que flanqueiam o poeta acompanham suas palavras com gestos lentos, mas expressivos. O porta-estandarte que leva a imagem de Uruk se adianta para exibi-la ao público logo que o poeta a menciona.

- P. *O filho de Ninsun,  
o touro bravo de Lugalbanda  
vagueou pela terra  
por um longo tempo.  
Grande fadiga padeceu  
nosso rei, nosso vagabundo.  
De volta, quando serenou,  
ele fez gravar numa estela  
suas façanhas, suas ótimas obras.*
- C. *Ele ergueu a muralha de Uruk,  
o redil dos cabeças-negras.  
Ergueu o Eana, o templo santo  
onde tudo é puro.*

- P. *Quem me ouve, que mire e veja;  
quem me assiste contemple, agora,  
estes muros enormes,  
esta perfeita construção:  
sua base bem firme,  
seus altos parapeitos,  
a escadaria que vem de longe,  
do grande princípio.  
Vejam o Eana, morada de Ishtar,  
construção que nenhum rei futuro,  
homem algum igualará.  
Considerem seu fundamento,  
seus adobes, sua alvenaria.  
Examinem seus alicerces:  
os Sete Sábios os implantaram.*
- C. *Sim, com certeza,  
os Sete Sábios os implantaram.*
- P. *Ampla é a cidade, amplo o pomar.  
Assim é Uruk, a magnífica.*
- P/C. *Admirem a obra perfeita,  
o reino excelente de Gilgamesh.*

O homem que porta o estandarte com a imagem de Uruk volta ao lugar depois de exibi-lo ao público. O poeta aponta para um dos guerreiros que trouxeram a arca e ordena:

- P. *Abre o cofre de cedro,  
descerra o ferrolho,  
exibe a memória de Gilgamesh.*

O homem obedece: mostra uma placa em forma de disco com inscrições em cuneiforme. Soa a trompa, rufa um tambor. O guerreiro que leva o disco e o que empunha o estandarte com a figura de Gilgamesh se aproximam do público a fim de exibir essas imagens. Em seguida ambos recuam e a estela é guardada de novo na arca. Depois de uma clarinada, o poeta prossegue sua récita. Os homens que o ladeiam atuam, então, como um coro dividido em metades (C/1, C/2). Só no final os coreutas dos dois grupos recitam em uníssono, juntando suas vozes à do poeta. Os versos são ditos com entusiasmo, com um acento de celebração:

- P. *Vejam a estampa do grande herói,  
broto de Uruk,  
nosso touro bravo.*

- C/1. *Sim, Gilgamesh é um touro bravo  
que rasga caminho,  
defende sua tropa.*
- C/2. *Rompante feito correnteza,  
ele destroça os blocos de pedra,  
a muralha dos inimigos.*
- P. *É o filho amado de Lugalbanda,  
perfeito em força.*
- C/1. *Cria da vaca do céu,  
novilho da santa Ninsun.*
- C/2. *Seu ânimo não se quebranta:  
Nas montanhas, abriu passagem.  
Nos vales, abriu cisternas.*
- C/1. *Contemplem sua beleza,  
nobre desenho dos deuses.  
Reparem em suas feições,  
em sua estatura imponente.*
- C/2. *Vejam seus cachos, a flor da seara.  
Em seu rosto a barba floresce  
alegre como a cevada,  
como as espigas de Nisaba.*
- C/1. *Gilgamesh é rico de arrojo,  
seu ânimo não se quebranta:  
nas montanhas, abriu passagem.  
Nos vales, na terra inculta,  
abriu a boca das cisternas.*
- C/2. *O grande mar, ele atravessou,  
o vasto Oceano,  
até onde nasce o deus Shamash,  
que ilumina os cabeças negras.*
- P. *Sim, nosso rei palmilhou  
os quatro cantos do mundo  
e chegou ao extremo da Terra,  
onde vive Atrahâsis,  
o herói que escapou do dilúvio.*
- C/1. *Gilgamesh, o Senhor de Kulab,  
não tem rival na terra inteira.  
é filho de mãe divina.*
- P/C. *Dois terços ele tem de deus  
e um terço apenas de humano.*

Após estes últimos versos ressoa a trombeta, com um som plangente. O porta-estandarte entrega a insígnia ao Poeta, que a planta a seu lado, no centro

do palco. O coro se retira. O palco escurece. Quando a luz o ilumina de novo, o Poeta já não se acha em cena. Enxerga-se uma cortina atrás do espaço em que ele e o coro se encontravam. Ao descerrar-se essa cortina, aparece, em segundo plano, numa plataforma mais elevada, a nave de um templo. No ponto mais alto se veem estátuas de três grandes deuses, a trindade acadiana: ANU, ENLIL e EA. Ea e Enlil ladeiam Anu. Mais abaixo, outros deuses e deusas. Destacam-se entre as deusas: NINMAH e NINLIL (ao lado, respectivamente, de Anu e Enlil, seus esposos); ISHTAR, seminua, com uma grande coroa na cabeça e uma espada na mão; NISSABA, com feixe de espigas de cevada; ARURU com um monte de barro a sua frente, estatuetas de animais a seu redor. Aruru está sentada numa pedra, tem os seios quase desnudos, um monte de barro e estatuetas de bichos a seus pés. Entre a Trindade Suprema e as outras divindades se vê o deus sol, SHAMASH, com um capacete resplandecente, um cocar que sugere os raios do astro. NINURTA, trajado como um guerreiro, fica perto de ENLIL, seu pai, mas um pouco abaixo. Perto de Shamash se vê o pai dele, SIN, o deus Lua. As “estátuas” são atores que se mantêm por longo tempo imóveis, a ponto de ser confundidos com ídolos. No plano mais baixo permanece o estandarte com a imagem pintada de Gilgamesh. Principia assim o primeiro ato.

## Ato I, Cena 1

Irrompem no palco personagens com túnicas de diferentes cores: homens maduros, velhos, senhoras, moças que se desgrenham, todos com expressão aflita. Representam o Povo de Uruk. Eles circulam pelo palco, numa coreografia dolorosa. Rodeiam o estandarte com a figura de Gilgamesh que de vez em quando apontam. Falam uns com os outros e de vez em quando se dirigem ao público. Suas frases ora se completam, ora se destacam. São ditas com ironia, por vezes com admiração, mas em geral em tom de queixa. As falas em negrito devem ser pronunciadas por muitas vozes. As falas “complementares” de outras são indicadas com o avanço do parágrafo. Sugere-se que sejam ditas por duas pessoas ao mesmo tempo.

- *Em verdade, este é nosso rei.*
- *Gilgamesh, o touro selvagem.*
- *O soberano.*
- *O soberbo.*
- *O rei que ronda dia e noite*  
*pelas ruas de Uruk*  
*pelos campos de Uruk.*
- **O Touro bravo de Lugalbanda.**
- *O indômito.*
- *O inquieto.*

- O poderoso.
- **O Touro bravo de Lugalbanda.**
- Rei sem rival.
- Rei sem rumo.
- Ele não deixa o filho a seu pai.
- Aos moços não dá sossego.
- **O rei rude.**
- **O rei que provoca.**
- **O touro bravo nos pastoreia.**
- O jogo.
- A justa.
- O tambor.
- O taco, o bastão.
- O lance.
- **O desafio que nunca termina.**
- Gilgamesh não nos deixa em paz.
- A filha, ele toma da mãe.
- A noiva, ele toma do noivo.
- É o primeiro que desfruta a virgem.
- Só depois o marido.
- A filha do guerreiro, ele toma.
- A esposa do nobre.
- **O rei que semeia raiva,**
- **O touro bravo nos pastoreia.**
- É belo, é soberbo.
- Deflorador de todas as moças.
- O touro selvagem.
- O bom soberano.
- O juiz.
- O máximo.
- Vigoroso como um leão.
- Arrogante como um leão.
- **Nosso herói, Gilgamesh**
- **O rei que semeia lamentos.**

Rompem gritos. Os homens cobrem a cabeça e o choro das mulheres se eleva. Os deuses pouco a pouco se inclinam, movendo-se devagar. Ea é o primeiro que fala, voltando-se para Anu. Enlil o secunda. Falam ambos com voz grave, em tom de reprovação e com marcada ironia.

EA	<i>Aí está o sábio de Uruk.</i>
ENLIL	<i>O guardião da justiça.</i>
EA	<i>O filho da Vaca do Céu.</i>

ENLIL *O pastor dos cabeças-negras.*  
EA *Dois terços divino.*  
ENLIL *Só um terço de humano.*  
EA *Assim é o rei que nós sagramos.*  
ENLIL *O forte, sem rival na Terra.*  
EA *O homem perfeito.*  
ENLIL O *O intolerável.*

O deus Anu meneia a cabeça lentamente e se volta para Aruru:

ANU *Aruru, tu criastes o homem. Cria-lhe agora um semelhante.*  
EA *Sim, que ele veja um semelhante.*  
ENLIL *Que ele tenha um rival.*  
EA *Um bravo. Um homem tremendo.*  
ENLIL *De coração tempestuoso.*

Aruru, com um sorriso nos lábios, toca o monte de barro, destrói com suas mãos as estatuetas de animais próximas de seu assento e as mistura no barro. As luzes se tornam cada vez mais fracas. A cortina que cobre o templo é cerrada. Por fim, o palco escurece de vez.

## Ato I, Cena 2

O cenário agora representa um trecho de estepe: grande pradaria com poucas árvores, um rio ao longe. Um tapete pode sugerir um relvado onde transcorre a cena. O relvado se interrompe à beira de um poço, ou fonte, em cuja orla se sugere haver um barreiro. Acha-se aí um montículo de barro de forma cônica, de um metro e meio de altura, mais ou menos; perto desse montículo veem-se algumas espigas de trigo ou cevada caídas no chão. A iluminação deve crescer gradativamente. Quando o palco se torna claro, vê-se estendido no chão um homem nu, de grande estatura, e a deusa Aruru inclinada sobre ele, percorrendo seu corpo com as mãos, como se o moldasse. Ela usa um vestido longo, uma túnica que deixa quase a descoberto seus seios generosos. Muito atenta, ela faz que ajeita com pequenas camadas de barro as feições do homem jacente, examina seu peito, seu ventre, seus membros, à maneira de um escultor cuidadoso, dando retoques aqui e ali. Enquanto ela se empenha nesse trabalho entram em cena animais que assistem ao desempenho da deusa, alguns com atenção, outros com relativa indiferença. Por fim a deusa se inclina e toca com seus lábios os lábios da criatura que acabou de compor: como quem faz respiração boca a boca, ela lhe transmite seu sopro. Os animais se aproximam, farejam o recém criado, que lentamente abre os olhos. Ele começa a erguer-se: primeiro fica sentado, com expressão de sonâmbulo, e estende

um braço na direção da criadora; depois ele se põe de joelhos, bem devagar, com o corpo levemente projetado para trás. A deusa se aproxima e lhe afaga os cabelos com um gesto rápido, dá mais um retoque carinhoso no seu rosto, mas logo volta sua atenção para os bichos próximos, que faz saltar estalando os dedos. Toda a cena deve ser coreografada com capricho. Os animais são representados por atores mascarados, alguns com chifres de gazela, ou de cabra selvagem, outros com orelhas e focinhos de onagro, um pouco ao jeito de sátiros e silenos. Todos têm caudas e cascos (alguma coisa como tamancos que eles fazem soar quando pisam forte). No que a deusa se afasta da nova criatura, alguns animais vão lambe-lhe os pés. Dois ou três a acompanham quando ela se afasta majestosamente, deixando o palco. Aruru deixa cair ao chão algumas espigas, que dois ou três bichos pegam com a boca e mastigam alegremente. Ao sair a Criadora, eles fazem uma coreografia mais animada em volta do homem ainda semidesperto, que circundam e provocam, cheirando, lambendo. No seu bailado eles batem os cascos no chão, numa espécie de sapateado animalesco, mas também deslizam furtivamente com meneios, aproximações e negaças. Por fim eles seguem no rumo do poço, em que o homem também se abebera, do mesmo jeito. O palco vai aos poucos escurecendo. Os bichos se deitam, o homem se enrosca entre eles. Escutam-se uivos longínquos. A escuridão cresce e depois vai-se atenuando de um modo que sugere um amanhecer. Ouve-se um bramido de angústia. O homem agreste se levanta e percorre o palco até o ponto onde encontra um animal preso numa armadilha, de que o liberta. Em seguida pasta com o rebanho. Saciado, acocora-se à sombra de uma árvore próxima ao poço. Surge do outro lado um caçador com um arco e ele o persegue. O caçador foge apavorado largando o arco, que o selvagem quebra. Em seguida o selvagem retorna para o meio dos animais que se reúnem a sua volta e por fim sai com eles, deixando vazio o palco. Jogo de luzes indica a passagem do tempo, de modo a fazer a transição para a cena 3. Recursos cenográficos diversos (como a sugestão de passagem de nuvens pelo céu, chuva, cerração, voo de aves etc. podem ser utilizados para este efeito). Passa-se à noite, depois à aurora (quando os animais e o selvagem deixam o palco) e por fim à manhã plena da terceira cena do Ato primeiro.

## Ato I, Cena 3

Surgem no mesmo trecho da estepe em que o selvagem foi criado um velho de barbas brancas e um homem jovem, rústico. O velho se arrima num bastão, o moço tem um cantil e porta uma lança. O velho mira o chão atentamente, como um rastreador, mas de vez em quando ergue os olhos, estuda o ambiente. O moço mostra-se agitado, olha para os lados com receio. A princípio eles se detêm no trecho por onde entraram. O jovem Caçador fala primeiro, com expressão de espanto no rosto.

### **JOVEM CAÇADOR**

*Aqui, meu pai, encontrei a criatura. Fiquei apavorado. Meu coração esfriou, larguei o arco e saí correndo. Lá está, na relva, o que resta do arco. O selvagem rompeu-lhe a corda, quebrou a madeira com mãos. Se me pegasse, partiria meus ossos. Faz tempo que venho à estepe caçar, como aprendi contigo. Agora o selvagem não deixa que eu cace. É robusto que nem um touro, de força tremenda. Anda com os brutos, pasta como os brutos. Os fojos que fiz, ele entupiu. As armadilhas, quebrou. Tem vulto de humano, mas não é humano. Ele corre com o asno selvagem, bebe no poço com os antílopes. Protege a gazela, o veado, a cabra selvagem. Corre com os onagros. Dá proteção às bestas do campo. Ninguém o conhece, só esses viventes com rabos e cascos. Que posso fazer?*

### **VELHO CAÇADOR**

*Estou vendo as pegadas da criatura. Sim, meu filho, quem deixa essas marcas é poderoso. Já vi o fojo que ele fechou, já vi teu arco partido. Vamos adiante. Na beira do poço há lama: no barro estarão mais claras as pegadas dos bichos. E a do homem que te caçou.*

### **JOVEM CAÇADOR**

*Meu pai, essa criatura é terrível. Se nos encontra, com certeza nos matará.*

### **VELHO CAÇADOR**

*Filho, a estepe é muito grande. O selvagem que anda com os bichos por certo bate a estepe em busca de pasto. Tu mesmo o vistes morder o capim. Aqui a relva foi tosada. Os animais que ele acompanha se reúnem para beber naquele poço quando o dia está caindo. Muitos dormem aqui, mas saem logo que nasce o dia. Tu sabes: é de manhã cedo, ou na boca da noite, que a gente caça melhor num trecho assim, na beira d'água. Agora Shamash está no alto com sua coroa, os animais não buscam o pouso. Vamos adiante. Vamos ver que marcas o selvagem deixou no barro fresco.*

Os dois avançam cautelosamente até a beira do poço. O velho primeiro estuda as pegadas, depois recolhe as espigas caídas junto ao pequeno monte de barro, mas em seguida as depõe no mesmo lugar e volta-se para o filho:

### **VELHO CAÇADOR**

*São mesmo de homem esses rastros, de homem robusto. Há marcas na lama de bruto e de humano, sim, mas há outros sinais. Olha bem, meu filho: este lugar em que estamos é agreste, terra que nunca foi lavrada; no entanto há espigas no chão. Há um monte de barro torneado, há um perfume que não é da estepe. Encontrei espigas, belos cabelos de Nisaba. Aqui tem prodígio. O selvagem que vistes com certeza é cria dos deuses.*

## JOVEM CAÇADOR

*Meu pai, que faremos? De onde vamos tirar o alimento de nosso corpo, se o selvagem nos barra a caça?*

## VELHO CAÇADOR

*Vai a Uruk, meu filho. Vai ao Eana adorar o Céu. Reza, meu filho, ao Senhor do abismo que os antigos chamavam de Enki. Adora Enlil, o poderoso. Adora Ishtar, e bendiz Aruru, que do pó nos tirou; pede a ajuda de Sin, o Pai Lua, pede a proteção de Ninurta. Reza a todos os deuses, meu filho. Procura depois Gilgamesh, o rei fortíssimo, e conta o que vistes. O rei é filho de Ninsun, conhece os prodígios. Ele saberá o que fazer.*

## Ato II, Cena 1

Pórtico do Eana, do grande templo. Músicos tocam lira, pandeiro, alaúde. Cortesãs dançam sensualmente. Ressoam, à distância, os versos de um Hino a Ishtar (no original acadiano são coplas com dísticos repetidos. Apenas algumas foram escolhidas para a récita). Sugere-se que os versos sejam ditos por vozes femininas cuja fonte não se faz visível. Convém que essa voz os faça soar com som agudo, quase metálico, e os repita em toma mais baixo, mais grave, alternando do soprano ao contralto. É desejável que a récita se confunda com os sons dos instrumentos. Elas também podem ser pronunciadas por muitas vozes que no termo se confundem.

*ilitam zumra raxubti ilatim  
litta id belet ixi rabit igigi  
ilitam zumra raxubti ilatim  
litta id belet ixi rabit igigi*

*shat melexim ruamam labxat  
za'nat inbi mikiam u kuzbam  
shat melexim ruamam labxat  
za'nat inbi mikiam u kuzbam*

.....  
*tartami texmê ritumi tubi  
ut mitguram tebel xima  
tartami texmê ritumi tubi  
ut mitguram tebel xima*

.....  
*gaxat inili atar nazzazzush  
kaptat awassa elxunu haptatma  
gaxat inili atar nazzazzush  
kaptat awassa elxunu haptatma*

O grupo das cortesãs, dividido em dois semicoros, recita em português uma paráfrase do hino evocado. Na paráfrase, a repetição se dissimula. Um semicoro fala um dístico e o outro diz o seguinte, formando semicírculos em cujo centro uma dançarina (a personagem Shamtar) faz um bailado sugestivo, sensual. As cortesãs que formam os semicoros também dançam.

SC. 1 *Vamos louvar a deusa terrível entre os deuses  
Dos homens soberana, suprema nas alturas.*

SC. 2 *A Dama bendizemos temida lá no céu,  
Dos deuses a senhora, dos homens a rainha:*

SC. 1 *A Dama que se inflama com vestes sensuais  
Frutífera senhora de charme e de elegância;*

SC. 2 *A Dona de formosos vestidos de volúpia  
Em frutos generosa, fervente de desejos.*

SC. 1 *A sedução e o gozo, o encanto prazeroso,  
Ishtar é quem governa, Ishtar é quem provoca.*

SC. 2 *É o mais cruel dos deuses, tem porte sobranceiro,  
E voz irresistível pra todos os divinos,*

SC. 1 *A Dama que domina com mando imperioso  
A grande soberana, o mais cruel dos deuses.*

A recitação se processa a princípio de jeito claro e depois de modo ‘tumultuado’, acelerado, misturando-se as falas com um ritmo forte, marcado por tambores. No segundo momento, quando a récita se acelera, os versos devem ser “quebrados”, ou seja, repartidos em hemistíquios pelas diferentes vozes do coro, que segue dançando com animação crescente:

SC. 1 *Vamos louvar a deusa*  
SC. 2 *terrível entre os deuses*

SC. 1 *Dos homens soberana,*  
SC. 2 *suprema nas alturas.*

SC. 1 *A dama nós louvamos*  
SC. 2 *temida lá no céu*

SC. 1 *Dos deuses a Senhora,*  
SC. 2 *dos homens a rainha:*

SC. 1 *A Dama que se inflama*  
SC. 2 *com vestes sensuais*

- SC. 1 *Frutífera senhora*  
 SC. 2 *de charme e de elegância;*  
 SC. 1 *A Dona de formosos*  
 SC. 2 *vestidos de volúpia*  
 SC. 1 *Em frutos generosa,*  
 SC. 2 *fervente de desejos.*  
 SC. 1 *A sedução e o gozo*  
 SC. 2 *o encanto prazeroso,*  
 SC. 1 *Ishtar é quem governa,*  
 SC. 2 *Ishtar é quem provoca.*  
 SC. 1 *É o mais cruel dos deuses,*  
 SC. 2 *tem porte sobranceiro,*  
 SC. 1 *E voz irresistível*  
 SC. 2 *que os Igigi compele,*  
 SC. 1 *A Dama que domina*  
 SC. 2 *com mando imperioso,*  
 SC. 1 *A grande soberana,*  
 SC. 2 *o mais cruel dos deuses.*

A recitação, a princípio clara, vai ficando confusa, envolta pela música. Todavia seu ritmo segue sendo pontuado pelos tamborins e o alaúde imita suas frases até o final. Dança e música cessam de repente quando chega Gilgamesh com seu séquito. O povo acode de todos os lados para o aclamar. As cortesãs sagradas se incorporam ao cortejo do rei. Ele atravessa o palco, sai por um lado e retorna pelo outro. Na sua volta, o cenário está mudado. O cortejo se detém num trecho onde se vê a entrada de um palácio com as portas abertas. Gilgamesh se assenta num trono, entre seus ministros, à frente do palácio. Um arauto proclama que o rei ouvirá os pedidos de seu povo. O Caçador é conduzido à presença de Gilgamesh e se ajoelha diante dele; depois, a um sinal do soberano, ergue-se e diz sua fala:

### **JOVEM CAÇADOR**

*Rei Gilgamesh, pela sábia Ninsun que te pariu, ouve e aconselha. Na estepe encontrei um selvagem que encheu de pavor o meu coração. Vulto de homem feroz, enorme, rijo que nem um rochedo. Pedra do céu, ele parece. Sustância de Anu. Rigoroso que nem um rochedo. Quando o vi, meu rosto se encheu de sombras, o pavor entrou nos meus ossos. Deixei cair o arco. Ele rompeu o meu arco. Não me deixou caçar. Duas, três vezes deparei este selvagem na estepe. Ele anda com as bestas do campo. O fojo ele cobre, as armadilhas ele desfaz. Tem força tremenda. Corre veloz entre as gazelas, pasta no meio dos onagros. Com a manada se refocila e bebe água nos bebedouros. Tem vulto de homem, não sei se é humano. O prado, a campina, a estepe, ele guarda para os animais. É bestial. É divino. Protege os viventes que têm cauda, a gente de couro, o povo*

*de cascos. Não me deixa caçar. Como terei meu alimento? O selvagem não me deixa caçar.*

Gilgamesh cofa a barba, pensativo. A multidão murmura, repercutindo a fala do Caçador:

- *Homem terrível apareceu.*
- *Um selvagem nascido na estepe.*
- *Pedra do céu, rude rebento.*
- *Sim, rigoroso como um rochedo.*
- *Ele pasta com o asno selvagem.*
- *Come capim com as bestas do campo.*
- *Corre no meio das gazelas.*
- *É bestial.*
- *É divino.*
- *Não deixa caçar.*
- *É uma fera.*
- *É um perigo que ronda Uruk.*

O rei faz um gesto que impõe silêncio, depois se volta para um dos ministros e ordena:

#### **GILGAMESH**

*Tragam Shamtar a minha presença. Que venha a mim a mulher mais bela, a mulher dama: Shamtar a santa, a prostituta.*

O arauto desce a escadaria do palácio, procura as cortesãs. Encontra Shamtar, que segue com ele ao encontro de Gilgamesh e o saúda com uma reverência. Bonita, elegante, charmosa, Shamtar atrai os olhares cobiçosos dos homens, mas sua atitude é altiva, digna.

#### **GILGAMESH**

*Shamtar, conhecedora dos homens, vai à estepe com o Caçador, procura o selvagem. Ao ver o filho da estepe, nada de medo, nada de pudor. Despe teu corpo, mostra teu sexo. Deixa que ele veja teus seios, tuas pernas, teu púbis negro, tua bela vagina. Faz então tua arte, de mulher com homem. Doma o selvagem, ensina.*

Shamtar faz um gesto de assentimento e aos poucos se afasta, acompanhada pelo Caçador. Os dois saem de cena, o povo se dispersa. A cortina se fecha.

## Ato II, Cena

Estepe. Crepúsculo. Vê-se o selvagem entre os animais que se dessedentam no bebedouro e se espojam na relva. Sugere-se um bailado. Shamtar e o Caçador se aproximam furtivamente durante a dança das criaturas da estepe, que a princípio não os notam. Shamtar estaca e o Caçador vai-se embora, com expressão de pavor, assim que vê o selvagem. Os animais pouco a pouco se imobilizam e o selvagem se dá conta da presença de Shamtar, que se despe calmamente e estende no chão sua roupa. O selvagem se aproxima aos poucos, mostra-se cada vez mais excitado e por fim se deita sobre a mulher. Os animais se mantêm longe, desconfiados. O palco escurece. Alguns nitridos, pios de pássaros noturnos. Gemidos amorosos. A escuridão primeiro se adensa, depois vai-se desvanecendo lentamente. Sugere-se um alvorecer. Os animais se levantam com a alvorada, mas permanecem aglomerados perto do poço. No outro extremo do palco, o selvagem e a bela Shamtar se levantam. O selvagem se encaminha para os animais, que se esquivam e lhe fogem. Quando todos os bichos debandam, o selvagem volta-se perplexo para Shamtar, que vai a seu encontro no centro do palco.

### ENKIDU

*Todos se foram, fugiram de mim. Por que? Com eles me criei: com a gazela, com o asno selvagem, com as criaturas do campo, os animais que batem a estepe. Por que, agora, eles fogem de mim? Por que me olharam assustados, como se não me conhecessem?*

### SHAMTAR

*Enkidu agora é um homem. Tem consciência, é como um deus. Te dou este nome, que vem da fonte do mundo: de Enki das águas, um deus poderoso. Olha para mim, Enkidu. Aprende este nome, grava teu nome. Nós nos conhecemos, eu te conheci. Como um homem, não como um bicho: um homem que se deitou com mulher. Nós dois gozamos um do outro. Mulher, homem. Juntos, distintos, assim nos conhecemos. Nossa união, nossa diferença que dá no mesmo. A carne que sente, a carne que pensa. O corpo tocamos, o meu, o teu; o pensamento não podemos tocar. Juntos os dois, os dois separados, o pensamento nos faz conhecer. Ele sai de nossas bocas vestido de palavras. Enkidu sabe, Enkidu agora tem consciência. Porque correr com os bichos do mato? Olha para mim, contempla teu rosto nos meus olhos: é o semblante de um homem bonito, bom para olhos de mulher, bom para seio de mulher. Por que pastar com as bestas do campo, com bichos que só comem capim e se espojam na relva? Vem comigo, Enkidu, vem para o meio dos homens. Com certeza Aruru te fez, moldou teu corpo com barro da terra e sêmen do céu, que nem o primeiro da raça humana. Vem Enkidu, comer pão, o manjar dos homens; vem cobrir-te com as roupas que alegram e dão conforto, vem para ter amigo.*

Enquanto fala, Shamtar despe a peça de roupa que envolve seu busto e a amarra como uma tanga na cintura de Enkidu. Este reage com expressão de quem desperta:

#### **ENKIDU**

*Homem. Humano. Eu, Enkidu. Assim é meu nome. Enkidu sou eu. Eu sou, eu sei: Enkidu.*

#### **SHAMTAR**

*Sim, homem bravo, doce Enkidu. Vem comigo para a aldeia. Vem conhecer a gente humana, os hábitos, a habitação da gente humana. Vem provar da comida que alimenta os cabeças-negras. Logo hás de conhecer os sabores que o fogo ensina, o gosto das plantas de cultivo, o sofrido gosto da carne.*

Enquanto eles caminham, o cenário muda: o pano de fundo é trocado, de modo que aparecem pintados nele casebres, um aprisco. Pastores se aproximam trazendo pão, cerveja numa vasilha, queijo, mantas de pele. Eles oferecem a comida com gestos que evocam um ritual e Enkidu come, primeiro de forma voraz, depois de maneira mais moderada, instruído por Shamtar, que ele imita.

Acabada a refeição, os pastores colocam o manto de pele de ovelha sobre os ombros de Enkidu e lhe entregam um cajado. Arrumam um banco onde ele se senta. Enkidu bebe mais cerveja em um caneco de louça e ri com gosto. Shamtar afaga seus cabelos, ajeita sua roupa. Enkidu gargalha. Cai o pano sobre suas risadas.

### **Ato II, Cena 3**

Esta cena é dupla, transcorre em dois planos. Numa plataforma mais elevada, vê-se Gilgamesh diante da deusa sua mãe, Ninsun, uma bela Madona com chifres de touro, que parece uma estátua, hierática e solene. Gilgamesh reza de pé, com as mãos abertas, palmas voltadas para cima, cotovelos próximos às costelas, braços estendidos na direção da deusa. No plano inferior vê-se Enkidu, vestido com uma túnica curta, manto de pele de ovelha nos ombros, calçado com alpercatas e portando um cajado. Ele anda de um lado para o outro em atitude de quem vigia, mas se imobiliza quando no plano superior principia a ação. Numa escada entre as duas plataformas vê-se Shamtar adormecida, sentada num degrau, com a cabeça apoiada no braço que repousa no degrau acima. A ação principia no plano superior, com Gilgamesh consultando sua mãe.

#### **GILGAMESH**

*Mãe Ninsun que tudo sabes, eu tive um sonho. Era noite, céu estrelado. Eu estava na praça de Uruk. Caiu do céu uma estrela, talvez uma pedra de raio. Um bloco. Um corpo. Uma rocha. Um ser que não sei. A lage luzida tombou no meu*

*peito. A grande rocha me oprimiu. Era fruto do céu, sustância de Anu. Tentei erguer, não consegui. Tentei mover, não consegui. Senti desejo. Acorreu o povo de Uruk. A plebe, os nobres, a gente de Uruk juntou-se à volta do ser que não sei. Os nobres de Uruk beijavam seus pés.*

Ninsun fecha e reabre os olhos, sorri de modo enigmático, faz gestos misteriosos com as mãos e move os lábios num sussurro inaudível. Depois de uma breve pausa, Gilgamesh continua:

### **GILGAMESH**

*Sim, foi um sonho. Depois veio outro. Tombou do alto um machado na praça de Uruk. Carne do céu, sustância de Anu. Essa acha que achei me fascinou. Eu me senti atraído por ela, como por uma mulher. Era um machado de dois gumes. Com ajuda dos nobres, com ajuda do povo, levantei do chão e trouxe para ti a bela bipene, deposei a teus pés o achado. Mãe, ilumina este sonho.*

A deusa fala com voz serena, pausas bem marcadas:

**NINSUN**     *A pedra do céu que tanto pesou,  
o bólido, o belo bólido,  
a lage que se deitou no teu peito,  
a rocha luzida,  
que tua força não pôde afastar,  
que teu braço não repeliu,  
que tu bem quisestes  
como um homem deseja a noiva,  
a pedra do céu  
que o povo de Uruk venerou,  
é como a acha que tu achaste,  
a boa bipene, o bom sinal:  
teu amigo será, teu apoio.  
Traz a meus pés o fruto do sonho,  
traz a meus pés o que vai chegar.*

Ninsun desaparece envolta em bruma. Gilgamesh se afasta com uma reverência, andando para trás. Na plataforma inferior do palco Enkidu se move, dá alguns passos e se detém. Chegam pastores que o saúdam. Entra pelo outro lado um viajante acabrunhado, com expressão de fadiga. O viajante estaca e olha admirado para Enkidu. Um pastor se aproxima:

### **PASTOR**

*Viajante, sê bem vindo a nossa aldeia. Somos pastores. Aquele que vês, aquele que admiras, é Enkidu, nosso guardião. Ele nos protege, guarda nosso aprisco,*

*defende a aldeia. Sua valentia afasta os lobos, põe em fuga os saqueadores. Ele mata o leão, tange o perverso. É o filho da estepe, Enkidu, que nós acolhemos. Nosso guardião, nossa garantia.*

Enkidu se aproxima e o viajante o saúda com reverência. O antigo selvagem fala:

#### **ENKIDU**

*Viajante, eu te dou boas vindas. Por que teu rosto parece aflito, teus olhos amargos? O que te perturba?*

#### **VIAJANTE**

*Venho de Uruk, onde reina Gilgamesh, o soberbo, com o arrojo de um touro bravo, com o rompante de um touro bravo. O seu tambor nos apavora, a sua força nos oprime. Ele penetra no santo recinto, entra na alcova do matrimônio, arrebatada a mulher do nobre, arranca a esposa de seu esposo. Ele é o primeiro que goza a noiva, só depois a entrega ao marido. Gilgamesh não respeita ninguém. Nasceu com este privilégio. É terrível sua força, ninguém o pode enfrentar. Por isso tenho meus olhos amargos, por isso peno e me desolo.*

Enkidu cerra os punhos, sacode a cabeça, bate com força o pé no chão. O viajante e os pastores recuam com expressão de temor.

#### **ENKIDU**

*Eu sou o nascido na estepe, eu sou quem pode mudar os destinos. Irei a Uruk, enfrentarei Gilgamesh.*

Shamtar desperta, levanta-se e caminha até Enkidu, que lhe pede:

#### **ENKIDU**

*Mulher, vem comigo. Leva-me a Uruk, guia meus passos e mostra-me o rei.*

#### **SHAMTAR**

*Escuta, Enkidu, ouve meu conselho. Gilgamesh é poderoso, dono de força terrível. É filho de Ninsun, a grande deusa, a toura do céu que tudo sabe. O herói Lugalbanda foi seu pai. Gilgamesh tem dois terços de deus, só um terço de humano ele tem.*

#### **ENKIDU**

*Sou o filho da estepe. Mamei nas bestas do campo, persigo lobos e leões, minha força não tem igual. Eu derrotei os bandidos, eliminei os saqueadores. Sou duro na refrega, experiente no combate.*

## SHAMTAR

*Ouve, Enkidu: Gilgamesh é o soberano de Uruk. Os grandes deuses lhe deram o trono: o Pai Anu, o bravo Enlil, o sábio Ea, senhor do abismo. Shamash fez brilhar sua coroa. Ninsun abriu os olhos do rei. Agora mesmo ele está sonhando e te vê no sonho.*

## ENKIDU

*Sou forte, Shamtar. Minha força abate os soberbos. Aruru me fez com barro da terra e sêmen do céu. Minha cabeleira brotou com força, como as espigas de Nisaba. Nas suas raízes há muita força.*

## SHAMTAR

*Escuta, Enkidu: Ninsun derramou o sono em meus olhos, mostrou-me a visão do rei. Ele te vê nos sonhos, Enkidu. Escuta, filho da estepe: não menosprezes Gilgamesh, não te esqueças de quem o pariu, não te esqueças da Toura do céu.*

## ENKIDU

*Vamos, quero desafiar este rei.*

Shamtar e Enkidu se retiram, seguindo ela à frente, como quem guia. Cai o pano.

## Ato II, Cena 4

Praça de Uruk. Um grupo álaçre se aproxima de uma porta cerrada, decorada com flores. Músicos com lira, pandeiros, alaúde e flauta vêm à frente do bando risonho. Logo depois dos músicos marcha sozinho um homem que se distingue por suas roupas alegremente coloridas. Atrás dele, um pequeno grupo de mulheres; por último um grupo semelhante de homens. Quando o cortejo já está quase chegando a seu destino, sua formação se altera: as mulheres se adiantam e formam duas alas, uma de cada lado da porta. Em seguida os homens também se adiantam, ficando atrás deles os músicos e, por último, o noivo. Homens e mulheres formam um coro em que alternam as vozes masculinas e as femininas.

## MULHERES

*A noiva espera na sua alcova.  
Que venha o noivo.  
Por que demora?  
Ishtar, a estrela  
brilha nos olhos da formosa.  
Onde está o noivo?*

## HOMENS

*O belo noivo não demora  
Já vem o noivo.  
A estrela do céu, Ishtar divina,  
Brilha no coração do noivo.*

## MULHERES

*Que venha o noivo e seja firme  
para abrir a porta da noiva.  
Ishtar, Nanaya, Azdaba e Ishara  
enfeitam a noiva.*

## H/M JUNTOS

*É tempo de festa, festejemos!  
São divinas todas as bodas.  
É o amor que sustenta os muros,  
A cidade é feita de gozo.*

Shamtar e Enkidu entram no palco durante esta récita. Shamtar se junta ao grupo das mulheres. Enkidu fica de parte, admirando o cortejo. De repente se ouve o som de uma trombeta e um rufar de tambores que interrompem os cantos nupciais. Entra Gilgamesh com seu séquito. Um arauto anuncia:

## GUARDAS

*Afastem-se todos! Gilgamesh, nosso rei, chegou para abrir a porta da noiva.*

O cortejo nupcial se desfaz: todos se afastam constrangidos, inclusive o noivo. Gilgamesh avança rumo à porta. Enkidu se adianta e se coloca à frente da porta. Gilgamesh se detém, irado e olha Enkidu de cima abaixo.

## GILGAMESH

*Quem me desafia?*

## ENKIDU

*O filho da estepe, o mais forte dos homens. Enkidu.*

Os dois se observam por um tenso instante e depois arremetem, furiosos. Prendendo os braços um do outro e inclinando-se para a frente, ambos se empurram, testa contra testa, como touros. Esta luta deve ser coreografada com capricho. Sucedem-se avanços e recuos dos dois contendores. O povo que assiste o confronto forma um coro bem dividido: metade formada pelos membros do cortejo nupcial, metade pelos seguidores de Gilgamesh (C/1 x C/2). Mas esses segmentos de coro não falam em uníssono: Vozes se destacam de cada um

deles (podem ser uma, duas ou três pessoas a dizer cada frase). Convém que as falas dos dois grupos se entrecortem. Só no fim o coro inteiro fala a uma só voz.

C/1: V.1 *Sim, é bravo o filho da estepe.*  
V.2 *Mais forte que Gilgamesh.*  
V.3 *Tem cabeleira de mulher.*  
V.4 *Tem coração impetuoso.*

C/2: V.1 *O rei Gilgamesh é mais alto.*  
V.2 *Tem o vigor do touro selvagem.*  
V.3 *Dois terços de deus, só um terço de humano.*  
V.4. *O Rei de Uruk é invencível.*

C/1. V.1 *O filho da estepe mamou nas gazelas.*  
V.2 *Correu mundo com as bestas do campo.*  
V.3 *Ele é mais robusto.*  
V.4 *Sustância de Anu.*

C/2: V.1 *O rei Gilgamesh é mais alto.*  
V.2 *Tem o vigor do touro selvagem.*  
V.3 *Dois terços de deus, só um terço de humano.*  
V.4 *O Rei de Uruk é invencível.*

CORO *Os dois são terríveis, os dois são bravos.*  
*Como acabará este embate?*  
*Temo pelos pórticos,*  
*temo pelos tetos de Uruk.*

Finalmente Gilgamesh dobra um joelho. Ouve-se um clamor de espanto e apreensão quando o rei toca um joelho no chão. Mas Gilgamesh consegue levantar o adversário, que depois repõe no chão. Enkidu se afasta um pouco, depois se aproxima e ajuda Gilgamesh a erguer-se:

E. *Gilgamesh, Rei de Uruk, teu é o trono, tua é a glória. Os deuses te deram o reino. Ninsun te pariu, eu te aclamo. Que o filho de Lugalbanda reine em Uruk como quer Anu, como querem os divinos.*

G. *Filho da estepe, tua nobreza me encanta. Eu te levarei a Ninsun, minha mãe, para que ela te adote e nos faça irmãos. Eu te quero a meu lado no palácio, amigo querido. O homem nobre que me enfrentou será para sempre meu companheiro.*

Os dois se cumprimentam, beijam-se no rosto e saem juntos, abraçados. O povo os aclama. Os músicos tocam. Os cantos de núpcias tornam a ecoar:

- M. *A noiva espera na sua alcova.  
Que venha o noivo.  
Por que demora?  
Ishtar, a estrela  
Brilha nos olhos da formosa.  
Onde está o noivo?*
- H. *O belo noivo não demora  
Já vem o noivo.  
A estrela do céu, Ishtar divina,  
Brilha no coração do noivo.*
- M. *Que venha o noivo e seja firme  
para abrir a porta da noiva.  
Ishtar, Nanaya, Azdaba e Ishara  
enfeitam a noiva.*
- H/M *É tempo de festa, festejemos  
São divinas todas as bodas.  
É o amor que sustenta os muros,  
A cidade é feita de gozo.*

Cai o pano.

## Ato III, Cena 1

Palácio de Uruk. Dois tronos vazios, um deles mais alto. Gilgamesh caminha de um lado para o outro e Enkidu o observa, apoiado em uma coluna. Um servo se mantém imóvel a uma distância respeitosa dos dois heróis.

E. *Gilgamesh, eu sou teu irmão. A deusa Ninsun me adotou. Não me escondas o o pensamento que ruge em teu peito. Percebo que teu coração se agita. O que tem Gilgamesh?*

G. *Homem da estepe, que sou eu? Uma nuvem. O vento sopra e desfaz a nuvem, ninguém mais se lembra de sua passagem. Assim sou eu, meu amigo. Não tenho nome. Que sou?*

E. *Gilgamesh, Rei de Uruk. Filho da sábia Ninsun e do grande herói Lugalbanda.*

G. *Então o que sou é carne de meus pais. Uma obra deles, um corpo no trono. Este*

*corpo que vai mergulhar na terra. A carne dada de presente e um som que me chama. Nada além. O meu nome vazio logo sairá da lembrança dos cabeças-negras. Não é nome que eu tenha feito, que o povo da terra possa recordar.*

*E. Que desejas fazer, irmão?*

*G. Uma coisa que ninguém ousou. Uma façanha que espalhe meu nome, que o leve adiante, mais além de Uruk, de Kish, de Lagash, de Ur, de Batdibira, de toda as cidades dos cabeças-negras. Além do Tigre, do Eufrates, de todos os rios. Além dos morros. Além da morte.*

*E. Qual é teu propósito, Gilgamesh? O que concebeu este coração tempestuoso?*

*G. Quero desafiar o terrível, encarar o famigerado que apavora os homens e faz tremerem as nações. Quero subir à montanha, entrar na floresta, abater os cedros. Quero enfrentar o feroz Humbaba.*

*E. Que estás dizendo, Gilgamesh? Palavras terríveis saíram de tua boca. No tempo em que eu galopava na estepe com os animais pude ver Humbaba. Ele apavora as bestas do campo, é monstruoso, é sinistro. Gilgamesh, esquece teu louco propósito, esquece tuas loucas palavras. Humbaba, seu rugido é o temporal do dilúvio. Sua boca é chama, seu hálito é morte. Foi o deus Enlil que o tornou guardião dos cedros. Tremendo é Hadad quando troveja; depois de Hadad, Humbaba é o mais temível. Inspira terror aos próprios deuses. Ninguém se aproxima dos cedros sem que ele perceba; a sessenta léguas ele escuta os passos. Enlil o pôs de atalaia para guardar os cedros altivos.*

*G. Meu bravo amigo, não fraquejes. É imensa tua força. O filho da estepe que afugenta os leões, que as feras temem, não pode fraquejar. Vamos, toma alento. Chamarei agora os conselheiros. Quero ouvir o que dizem, quero dizer-lhes que vou enfrentar Humbaba.*

Gilgamesh bate palmas chamando o servo, que se aproxima com uma reverência.

*G. Anda, meu servo: reúne os conselheiros.*

O servo sai. Enkidu meneia a cabeça. O rei se volta para ele. Por um instante os dois gesticulam e falam de forma inaudível. Por fim o rei ergue a voz, o diálogo se torna claro.

*G. Mandarei que preparem armas perfeitas: achas de duplo gume, de sete talentos. Espadas também, de sete talentos. Uma rede bem rija. Punhais, adagas, armas perfeitas.*

*E. Por que, Gilgamesh, saltar na fogueira? Por que partir para a montanha em busca de tempestade?*

*G. Meu amigo, os dias do homem são contados. Nascemos e logo morremos. O soberano que a morte golpeia cai ao chão que nem o mendigo. O tempo corre e em pouco ninguém mais se lembra do rei, do rico, do poderoso. O rei sem brilho desaparece e a sua memória é como cinza que o vento espalha. O homem sem nome não deixa lembrança.*

*E. Sossega teu coração, Gilgamesh. Uruk é teu reino, protege teu reino.*

Gilgamesh e Enkidu se assentam em seus tronos. O servo retorna e anuncia:

**SERVO** *Rei Gilgamesh, falei aos ministros e eles ouviram tua ordem, atenderam a teu chamado. Os príncipes de Uruk já se acham à porta.*

*G. Que entrem todos.*

Entram no palco os conselheiros. São homens maduros que formam o coro. Primeiro eles saúdam com reverência Gilgamesh e Enkidu; depois se dispõem em semicírculos flanqueando os tronos. Dois velhos de barbas brancas ocupam a extremidade mais próxima aos tronos em cada semicírculo.

#### **ANCIÃO 1**

*Em nome de Ninsun, por que nosso rei quer entrar na floresta sagrada? Os deuses a proíbem. Longe ela fica. Até a montanha, são muitas as léguas de sofrimento. Seiscentos perigos cercam o bosque onde deusas fizeram seu trono.*

#### **ANCIÃO 2**

*Por que Gilgamesh formou este propósito? Por que deseja ir à montanha coroada de nuvens? Estão fechadas as suas trilhas e seu guardião é tremendo.*

#### **ANCIÃO 1**

*Rei de Uruk, não deixes tua cidade por uma batalha incerta.*

#### **CORO**

*Filho de Ninsun,  
Teu coração é tempestuoso.  
Sossega teu coração.  
Na floresta dos cedros,  
Humbaba, o tremendo  
veda a passagem.  
Sua boca é chama,  
seu hálito é morte.*

*G. Estou decidido. Enfrentarei Humbaba, pavor dos homens. Vou, sim, penetrar na floresta, vou abater os cedros soberbos.*

Pausa. Os conselheiros se entreolham, assustados. Por fim, os dois principais retomam a palavra:

#### **ANCIÃO 2**

*Gilgamesh, não te fies na tua força. Não queiras ir à luta sozinho. Que Enkidu marche contigo, que o filho da estepe te apoie. É melhor que ele siga à tua frente. Ele conhece as trilhas do bosque.*

#### **ANCIÃO 1**

*Sim, Enkidu conhece os caminhos. Já se abeirou da montanha. Matou leões nos desfiladeiros. Que ele proteja nosso rei.*

Gilgamesh volta-se para Enkidu, que primeiro o encara e depois fala aos nobres de Uruk.

*E. Está bem. Por amor de Gilgamesh enfrentarei o perigo. Irei com ele à floresta dos cedros, a proibida. Junto com o Rei de Uruk vou enfrentar o pavor dos homens.*

#### **CORO**

*O filho da estepe é valoroso.  
Que ele proteja nosso rei.  
A trilha tapada, a senda escura  
onde homem não pisa,  
que ele franqueie a seus pés.  
Enkidu, no duro combate,  
seja o escudo de Gilgamesh.  
Invocamos todos os deuses.  
Primeiro, a Trindade Santa:  
Anu do Céu,  
Ea do abismo,  
Enlil que reina sobre a terra.  
Chamamos Ishtar,  
Chamamos Ninurta.  
Invocamos os Anunaki.  
Que Shamash escute as preces,  
e Lugalbanda acolha os votos.  
Possam o rei retornar a Uruk  
e celebrar com todo o brilho  
o Festival do Ano Novo.  
Que Shamash escute as preces,  
e Lugalbanda acolha os votos.*

## Ato III, Cena 2

A cena transcorre em três planos. No primeiro, vê-se o deus Shamash com seu capacete brilhante, figura do Sol. No segundo plano, um pouco mais baixo, está a deusa Ninsun. No plano inferior (no rês do palco) a princípio não se vê ninguém. Ninsun se volta para Shamash em atitude de súplica. Eles se movem no mesmo compasso, deslizando em slow motion, na direção da saída. Quando se abre a cortina, eles já se encontram além do centro do palco. Shamash e Ninsun fazem uma movimentação descendente. Com os deuses já perto do ponto de saída, entram no palco (na plataforma mais baixa) Gilgamesh e Enkidu, que também se movem de maneira lentíssima. À medida em que Shamash desce, a luz diminui. Quando ele acaba de sair (e Ninsun também deixa o palco) a luz se torna crepuscular. Só então começará o diálogo entre Gilgamesh e Enkidu. No primeiro momento, a ação se cinge a Ninsun e Shamash. Mas apenas Ninsun fala, dirigindo-se ao deus Sol, que olha para ela com expressão compassiva e só no termo faz um gesto de assentimento.

*N. Divino Shamash, quando Lugalbanda lançou em meu corpo sua semente, foi tua luz que abriu meu ventre. O Sol me trouxe Lugalbanda e me fez parir. Tu, Shamash me deste um filho com dois terços de deus e um terço de humano. Agora eu sofro por meu filho, pelo fruto de minhas entranhas. Escuta, Coroa de Luz: no coração de Gilgamesh arde o teu fogo. Tu lhe destes o furor do touro bravo. Agora ele se precipita errante pelos caminhos, trilhando uma trilha incerta para lutar com o feroz Humbaba. Com ele vai o filho da estepe, Enkidu, que os deuses criaram para conter sua soberba. Quando Enkidu se ergueu a fim de bater-se com meu filho, eu lhe inspirei amor por meu filho. A criatura da estepe que não é fruto do meu ventre nem passou por minha vagina, eu adotei como filho. Agora o barro da terra é meu filho. Ouve, Shamash, o meu apelo. Gilgamesh e Enkidu, como duas crianças, vieram suplicar-me. A teus pés eu trago sua prece. Acode, Shamash, quando os dois chamarem por ti. Sol radiante, tu vais repousar agora no seio da noite, nos braços de Aia, tua esposa. Não te esquives quando ela rogar por meus filhos. Shamash, lembra-te de meus filhos. Na hora de sua aflição, belo Shamash, socorre meus filhos.*

Shamash se retira. Ninsun se retira. À luz crepuscular Gilgamesh e Enkidu ganham o centro do palco.

*G. Estamos perto da montanha. Já sinto a floresta.*

*E. Sim, estamos à beira do bosque, quase chegando a nosso destino. Mas o sol já se pôs, Shamash dorme. O perigo aumenta no escuro. Este lugar a que chegamos é bom abrigo para a noite. Nós fizemos longa jornada, a viagem foi rude. Convém descansar. Que Humbaba não nos encontre esgotados pela fadiga.*

*G. Tens razão. Precisamos de todas as nossas forças, precisamos de luz. Não vamos à luta sem Shamash.*

*E. Façamos turnos: um de nós repousará enquanto o outro vigia. Assim temos feito. Descansa agora que eu ficarei vigilante.*

*G. Primeiro devemos propiciar os deuses. Derramo água do meu cantil sobre a terra negra e invoco Lugalbanda.*

Feita a libação, Gilgamesh se detém por um instante em atitude de prece, de olhos fechados. Em seguida fala consigo mesmo:

*G. Rezarei à montanha, trono de deusas: que a serra sagrada me mande um sonho.*

Ditas essas palavras Gilgamesh se põe de joelhos, com os braços estendidos para a frente. À sua volta, Enkidu traça um círculo com sua espada, enquanto fala:

*E. Este será o pouso do sonho: o trecho a que ele há de vir no voo adivinho, a fim de aninhar-se na tua cabeça. Que o vento da noite não o desvie, que ele não se perca nas trevas. Que nada perturbe o sono suave, o rio em que o sonho navega.*

Com movimentos pausados, à maneira de quem cumpre um rito, Gilgamesh senta-se com os braços cruzados sobre os joelhos e neles apoia a cabeça, quase em posição fetal. Enkidu desembainha a espada e assume atitude de vigilância. A escuridão se adensa. Pouco a pouco, uma luz branda que sugere o luar invade o palco. Pios de coruja, uivos longínquos. Enkidu distancia-se um pouco do círculo que traçou e caminha devagar de um lado para o outro, com passos medidos, silenciosos. De súbito Gilgamesh se ergue, com um sobressalto.

*G. Meu amigo, tu me chamastes, tum me tocastes, tua voz me alertou? Se ninguém me chamou, por que acordei? Terá um deus passado por aqui? Porque me arrepio? Oh, meu amigo, eu tive um sonho. Ele veio voando sobre minha cabeça e me levou através das sombras, pela garganta da montanha. Eu te encontrei no desfiladeiro. Seguimos por uma trilha estreita, tu e eu, que nem moscas no leito de areia, entre penedos. Os céus bramavam, a terra estrondava. A luz do dia desfaleceu e a escuridão se impôs. As nuvens inchavam, chovia morte. De repente o raio fuzilou, cresceu no chão a planta vermelha. O fogo apagou-se logo, a chama perdeu o brilho. Ouvei ruído de avalanche, mas as rochas que vinham rolando se converteram em cinzas.*

*E. Sossega teu coração, Gilgamesh. Teu sonho é bom, teu sonho foi propício. Nós dois mataremos Humbaba. Sua força bruta vai despencar e tornar-se um punhado de cinza.*

*G. Assim queira Shamash, assim queira o destino. Agora descanse que eu vigiarei. É meu turno, irmão.*

*E. Primeiro invoco os deuses Igigi, celebro os senhores da noite. Que os filhos de Anu mostrem seu acordo, que os Igigi me mandem um sonho.*

Enkidu se senta como Gilgamesh fizera e este traça a sua volta um novo círculo, com a ponta da espada, enquanto murmura:

*G. Este será o pouso do sonho: o trecho a que ele há de vir no voo adivinho, a fim de aninhar-se na tua cabeça. Que o vento da noite não o desvie.*

Com a espada desembainhada, Gilgamesh caminha de um lado para o outro. A escuridão se adensa, depois começa a esvaecer. A luz assume aos poucos a tonalidade da aurora. Enkidu desperta, ergue-se lentamente, esfrega os olhos e fala:

*E. Gilgamesh, tu me chamastes, tua voz me alertou? Se ninguém me chamou, por que acordei? Terá um deus passado por aqui? Por que me arrepio? Oh Gilgamesh, eu tive um sonho. No meio da estepe um touro nos apareceu, um touro selvagem. Seus olhos riscavam a noite. Era terrível, terrível.*

*G. Amigo, sossega teu coração. Teu sonho é bom, teu sonho é propício. O touro que te apareceu é Lugalbanda, meu pai. É o herói que sempre me guarda.*

Gilgamesh embainha a espada. Enkidu se levanta, bebe água do cantil. Ambos fazem alongamento, como quem busca livrar-se do torpor do sono. A luz cresce. De súbito ouve-se um bramido. Os dois heróis se encaminham para o ponto de onde veio o som pavoroso. Detêm-se atentos, à espera, por alguns segundos. Ouve-se, então, outro bramido, dessa vez do lado oposto. Voltam-se os dois, surpresos, e veem Humbaba que avança contra eles. É uma figura monstruosa, um homem de grande estatura e de aparência bestial. Usa máscara horrenda.

*H. Quem viola minha floresta, quem se atreve? Por que trazem machados? Por que pisam a terra sagrada com passos insolentes? Quem se atreve?*

*G. O rei de Uruk.*

*E. O filho da estepe.*

*H. Fora daqui, miseráveis. Eu sou Humbaba.*

**ENKIDU** *Vimos de longe. Não vamos recuar.*

*H. Oh, quem me fala? Um monte de barro. Não sei por que grita o monte de barro. Quem é teu pai? Quem é tua mãe? Que raça tem o filho da estepe? Vou desfazer o monte de barro. Rei de Uruk? Quem é mesmo esse rei de Uruk? Um estrangeiro de muito longe. Um louco insolente, comida de abutres. Anda, recua, rei de Uruk. Vai-te embora que sou Humbaba.*

Humbaba ruge, com uma cara medonha. Gilgamesh recua.

*E. Ânimo, filho de Ninsun! Temos armas, temos força. Estamos prontos para o combate. Vamos ao ataque, não vamos recuar.*

Gilgamesh se refaz, avança de novo. Humbaba zomba:

*H. O infeliz confia no barro, na coisa que não tem pai. Acredita no lodo que não tem mãe. Adeus, rei de Uruk. Adeus, criatura de barro. Fora, Gilgamesh. Vou quebrar tua louça.*

Gilgamesh e Enkidu tomam posição, cada qual de um lado. Enkidu se vale da espada, Gilgamesh de uma acha. Humbaba porta uma grande maça. O monstro avança contra Gilgamesh, mas Enkidu o acossa do outro lado, de modo que ele tem de voltar-se. Uma dança feroz ilustra este confronto. Numa das arremetidas de Humbaba, Enkidu tropeça; ergue-se rapidamente, mas quase é atingido pelo monstro. Gilgamesh o ataca, mas tem de recuar, diante do contra-ataque de Humbaba. O Rei de Uruk brada por socorro:

*G. Divino Shamash, acode!*

Ouve-se um assobio de ventania e rajadas de luz se projetam sobre o rosto de Humbaba, que recua ofuscado – como que empurrado por uma grande força – e tenta em vão equilibrar-se. Gilgamesh o golpeia na cabeça com o cabo de uma acha. Atordoado, Humbaba tomba, fica de joelhos. Enkidu vem por trás com a espada erguida, mas Gilgamesh brada:

*G. Enkidu, meu irmão, deixa inteiro Humbaba. Guarda tua espada na bainha. Ata logo as mãos deste monstro que agora é meu prisioneiro.*

Enkidu obedece: tira uma corda de seu cinto e ata às costas os pulsos de Humbaba.

Gilgamesh proclama, orgulhoso:

*G. Levarei a Uruk um tremendo cativo, um prisioneiro formidável. Quero exibir o monstro que derrubei, mostrar aos cabeças negras o colosso que nós vencemos. Primeiro levarei a Nippur o monstro amarrado. Depois vou desfilar em Uruk levando Humbaba.*

*E. Não, Gilgamesh, não leves Humbaba a Nippur, não leves o monstro a Uruk. Mesmo cativo, ele é perigoso. Causará horror na cidade santa, temor em Uruk. Levemos somente sua cabeça.*

Gilgamesh desembainha a espada, mas Humbaba suplica:

*H. Gilgamesh, sou teu cativo, serei para sempre teu servo. Reconheço teu poder, tua força, tua majestade. Eu te pertença, rei de Uruk. Poupa teu servo: um morto não serve para nada. Que rei pode ter um prisioneiro como eu, um servidor que nem eu? Gilgamesh de Uruk há de ser reconhecido em todas as nações como um rei sem igual. Eu mesmo, por minha boca, espalharei a tua glória.*

Gilgamesh baixa a espada. Enkidu protesta:

*E. Filho de Ninsun, não sejas imprudente. Não tem sentido levar o monstro mais perigoso do mundo para dentro de Uruk. Leva somente sua cabeça.*

*H. Por que o nascido na estepe me condena? Por que o servo de Gilgamesh me nega misericórdia, quando eu mesmo me declaro servo de Gilgamesh? Rei de Uruk, com minha boca eu vou fazer a tua glória.*

Gilgamesh hesita, faz menção de embainhar a espada.

*E. Filho de Ninsun, não ouças a boca mentirosa, o malvado que quis te matar.*

Gilgamesh ergue de novo a espada. Humbaba se lamenta:

*H. Guardei a floresta dos cedros por ordem de Enlil poderoso. Vê, Enlil, o destino do guardião que te prestou obediência, a sorte do guarda que te serviu. Enkidu, o perverso, quer a minha morte. Pedi ao rei misericórdia, mas Enkidu que nasceu do barro falou contra a misericórdia. Agora minhas lágrimas correm diante de Shamash, refletem o brilho que me derrubou. Choro por minha vida, choro pela floresta. Hoje mesmo estes homens soberbos vão entrar na floresta e derrubar os cedros. Mãos impuras, sujas de meu sangue, vão devastar o bosque dos deuses.*

Gilgamesh vacila novamente. Enkidu vocifera:

*E. Humbaba, terror dos homens, devorador de carne humana, tua morte limpará o mundo.*

*H. Diante do céu, diante de Enlil, Enkidu desprezou a misericórdia. Que Enlil me escute, que os deuses ouçam meu conjuro, saibam da praga que rogo a Enkidu:*

*em nome de Anu, de Enlil e de Ishtar, que ele nunca encontre misericórdia.*

Enkidu ergue a espada. Gilgamesh ergue a espada.

Cai o pano.

### Ato III, Cena 3

Multidão se aglomera na praça de Uruk. Um grupo de mulheres (aias e esposas do rei) aguarda no vestíbulo do palácio. Soam trombetas. O povo forma alas. Surgem Gilgamesh e Enkidu, que secunda o rei. À medida que eles avançam, o povo se prostra em atitude de reverência. Soam aclamações, aplausos. Ao chegar ao vestíbulo do palácio, Gilgamesh sobe ao degrau mais elevado e clama, voltando-se para as mulheres:

#### **GILGAMESH**

*Penetrei na floresta dos cedros. Derrubei os cedros e levei sua madeira a Nipur. Trouxe também a Uruk o lenho precioso. Abri o caminho da montanha. Matei Humbaba. A luz de Shamash me coroou. Quem, dentre os moços, é o mais garboso? Quem dentre os homens é o mais glorioso?*

#### **CORO DAS MULHERES**

*Gilgamesh entre os moços é o mais garboso, Gilgamesh entre os homens é o mais glorioso!*

O povo aclama. Soam de novo as trombetas. Enkidu levanta um escudo que tem a imagem de Humbaba. Homens recuam espantados. Mulheres gritam. Gilgamesh e Enkidu entram no palácio, secundados por ministros. A multidão permanece aglomerada, festejando. Depois de alguns instantes, sai um dos ministros e anuncia:

#### **MINISTRO**

*O rei agora vai repousar. Enkidu também repousará. É tarde. Amanhã será grande a festa em Uruk, com fatura de carne, de pão, de cerveja. Bois e carneiros serão abatidos e o povo comerá com os deuses. Agora a noite já se aproxima. O rei quer sossego.*

O ministro desce os degraus do palácio e o povo começa a dispersar-se. Ficam apenas dois personagens, um homem muito velho e cego, vestido como um nobre e um moço (seu filho), também de aspeto nobre. O ministro se dirige a eles enquanto o resto do pessoal sai de cena.

**MINISTRO**

*Que estás esperando, meu velho amigo?*

**CEGO**

*Notícias do rei.*

**MINISTRO**

*Não ouvistes a aclamação? Não ouvistes o que eu declarei? Gilgamesh chegou há pouco de Nippur. O povo todo se alegrou, as sombras nos deixaram. Tivemos medo, muito medo, de que ele não retornasse. Os boatos eram pavorosos. Diziam bocas ruins que Gilgamesh e Enkidu tinham caído nas garras de Humbaba, que morreram no bosque, ao pé dos cedros. Houve choro nas ruas de Uruk. Mas agora é festa. As sombras se foram. Gilgamesh voltou, Enkidu voltou. Eles são fortes, mataram Humbaba.*

**CEGO**

*Sim, eu ouvi a aclamação. Mas que fazia o rei em Nipur?*

**MINISTRO**

*Foi com Enkidu adorar Enlil. Na volta da floresta eles recrutaram muitos homens a fim de trazer-nos a madeira dos cedros. Daí navegaram até Nipur. Mas primeiro adoraram Shamash, que lhe deu apoio na luta contra Humbaba.*

**CEGO**

*Que fizeram do monstro?*

**MINISTRO**

*O corpo deixaram no chão da floresta, a cabeça horrenda levaram a Nipur. Foi lá que um artífice fez o escudo de Enkidu, com a imagem de Humbaba.*

**CEGO**

*Eu sei. Agora a imagem se multiplica. O monstro está em toda a parte.*

**MINISTRO**

*Sim, a imagem se multiplica. O rei convocou muitos artífices, os melhores de Uruk. Manda que eles gravem nos relevos – no barro, na pedra, no bronze – a sua luta contra Humbaba. Enkidu incumbiu marceneiros e bons entalhadores de fazer uma porta, lá em Nipur.*

**FILHO DO CEGO**

*Quê? Uma porta?*

### **MINISTRO**

*Isso mesmo: uma porta bem ampla, a mais rica e sólida, talhada na madeira dos cedros. Com a imagem de Shamash. Com os sinais do bosque, os traços da montanha. Com o vulto das bestas, dos deuses, dos encantos. A Porta da Floresta. Enkidu lhe deu este nome e a fez colocar no templo de Enlil, na santa Nipur. Na tábua perfeita os entalhadores gravaram a imagem de Humbaba derrotado por Gilgamesh e Enkidu.*

### **CEGO**

*Sim, é certo: o rosto de Humbaba no templo.*

### **FILHO DO CEGO**

*Amanhã será grande o festejo. Muita gente veio do campo, de aldeias remotas, de outras cidades. Todos querem ver o rei Gilgamesh e celebrar sua vitória.*

### **MINISTRO**

*É verdade. Será um dia de triunfo. Logo cedo Gilgamesh vai banhar-se numa fonte sagrada, nos jardins de seu palácio, e vestir suas roupas de majestade. Um servo irá com ele a fim de levar-lhe as vestimentas, o óleo puro, os adornos; mas deixará o rei sozinho perante as águas, como ele exige. Quando o filho de Ninsun voltar de suas abluções terão início as cerimônias, com muita pompa.*

### **FILHO DO CEGO**

*Com certeza será enorme a procissão. A façanha de Gilgamesh e Enkidu corre mundo. Por toda parte só se fala da sua proeza, da sua vitória. Dizem que eles degolaram Humbaba e levaram sua cabeça espetada numa lança por uma grande extensão, causando espanto a todos, mas depois a enterraram num monte, por ordem de Shamash.*

### **MINISTRO**

*Sim, Humbaba, pavor dos homens, agora está morto. Sua cabeça se enterrou num monte desconhecido. Ma sua imagem ainda aparece aos olhos do povo como um sonho.*

### **CEGO**

*Eu sei. Eu sonho.*

Ditas essas palavras, o velho se ajoelha e faz que desenha uma imagem no solo com o indicador da mão direita. Tem os olhos cerrados e expressão séria, compungida. O ministro indaga:

### **MINISTRO**

*Que estás fazendo, meu amigo?*

**CEGO**

*Veja, Excelência: aqui está ele.*

**MINISTRO**

*Onde? Como? Não há nada para ver. É inútil passar assim o dedo na pedra, meu bom velho. Nada aparece. Não fica sinal.*

**FILHO DO CEGO**

*Que é isso, meu pai? O que fazes?*

**CEGO**

*Humbaba. O rosto rude. A agonia. Não estão vendo? Ele tem lágrimas nos olhos. O monstro chora.*

**FILHO DO CEGO**

*Meu pai, Humbaba está morto. Caiu bem longe de nós, na Floresta dos Cedros. Não o vimos. Nem mesmo sua imagem no escudo de Enkidu teu olho pôde ver. Tua vista há muito se turvou. Por que gastar os dedos no chão? A pedra continua cega, sem marca nenhuma.*

**MINISTRO**

*Sim, sem marca nenhuma. Meu pobre amigo, já não há luz nos teus olhos.*

**CEGO**

*Enlil me dá luz. Eu sinto a nuvem carregada no céu. Eu sinto os deuses. As lágrimas do monstro caem sobre Uruk.*

O ministro balança a cabeça com tristeza e recomenda ao moço:

**MINISTRO**

*Amigo, leva para casa teu pai, este homem bom que a velhice perturba. Lava seu rosto com as águas puras que brotam das fontes de Ea. Dá-lhe comida de sabor, bebida que alegre seu coração. Amanhã sua nuvem terá passado.*

O moço faz uma reverência e se afasta conduzindo o pai. O ministro sai por um lado, eles por outro. No meio do caminho o velho se detém e aponta o céu.

**CEGO**

*Uma estrela desce. Amanhã ela tocará esta terra.*

Enquanto os dois se retiram, ressoa um clamor que vem do palácio, misturado com música de flautas e marcação de tamborins:

## VOZES

*Gilgamesh dos jovens é o mais garboso. Gilgamesh dos homens é o mais glorioso.*

O canto se mistura com o Hino a Ishtar.

## Ato III, Cena 4

O cenário deve mostrar um trecho florido à beira de uma fonte, com algumas árvores: um jardim no interior do palácio real de Uruk. O sol começa a erguer-se. Gilgamesh está sozinho e nu, unguendo seu corpo com óleo perfumado. Tem os cabelos úmidos, indicando que acabou de banhar-se. Suas roupas estão depositadas num galho de árvore. Seus gestos caprichosos sugerem um rito. Enquanto ele se entretém assim, a deusa Ishtar aparece. É bela, veste-se ricamente e de modo sensual, usa brincos, colares e outras joias, tem uma coroa na cabeça. Sua aparição a princípio não é notada por Gilgamesh, que ela admira, “come com os olhos”. Convém que a entrada em cena da deusa surpreenda também a plateia. Só depois que Gilgamesh veste sua túnica e coloca seus adornos Ishtar se manifesta, dirigindo-lhe a palavra. Sua atitude é sedutora e decidida, sua voz melodiosa. Ela estende os braços para Gilgamesh e fala com paixão, com acento lírico. Enquanto fala, rodeia Gilgamesh, como se o quisesse envolver com palavras. Sua fala melodiosa é uma cantada de feiticeira:

**ISHTAR** *Quero teu fruto, Gilgamesh. A tua delícia,  
dá para mim! Vem para meus braços,  
filho de Ninsun.  
Serei tua esposa, serás meu esposo  
e eu te cobrirei de riquezas,  
ó meu querido.  
Vem, que eu farei atrelar para ti  
um carro de lápis lazúli e de ouro  
com rodas de ouro,  
parapeito de âmbar.  
Leões da procela serão as mulas  
puxando esse carro maravilhoso.  
Tu hás de entrar com aroma de glória  
na nossa casa que os cedros perfumam  
e o trono mais rico te receberá,  
a santa soleira beijará teus pés.  
Os reis, os príncipes, os fidalgos  
diante de ti vão se ajoelhar.  
Os potentados vão te servir*

*pagando tributo  
com primícias do monte e do vale.  
Sim, com o melhor do monte e do vale,  
os tributos mais opulentos.  
Vem que te faço o mundo fecundo.  
No teu aprisco  
a ovelha sempre terá gêmeos  
e a cabra há de parir trigêmeos.  
O potro de teu plantel  
será mais forte do que as mulas  
que levam cargas por toda a terra.  
Teu cavalo há de ser invencível.  
Teus bois de lavoura não terão rival.  
Vem, Gilgamesh, que te dou riqueza,  
Vem, Gilgamesh, que te dou grandeza.  
Vem para meus braços!*

Na sua resposta, Gilgamesh assume atitude irônica. Quando lembra os amantes de Ishtar, ele imita seus lamentos. Imita Ishulanu e a própria Ishtar quando repete suas palavras. Dramatiza o que vai dizendo.

#### **GILGAMESH**

*E quanto a mim, o que darei? Roupa fina para teu corpo? Tu me prometes bebida de deuses, comida de deuses. Serei um deus? Que será de mim se eu te desposar? Por que eu desejaria essas bodas? Ishtar divina, eu te conheço. És como o gelo da geada, és uma bela paliçada que não detém o vento frio, um abrigo que não defende da chuva, da ventania. Um vaso que molha quem o carrega, pixe que suja quem o carrega. Um calçado que morde os pés de seu dono, um sinal sinistro. A catapulta que arromba a muralha. Um castelo que cai sobre o guerreiro, um lindo palácio que esmaga o rei. Assim é tua beleza. Qual foi o marido que Ishtar conservou? Que amante teve para sempre? Ishtar esquece? Pois vou recordar a ladainha dos teus amantes.*

#### **ISHTAR (mostrando surpresa e irritação)**

*Contém tua língua, Rei de Uruk. Eu sou a filha de Sin, a neta de Anu, a Grande Rainha. Estou avisando, contém tua língua. Lua me fez, o rosto de prata me fez.*

#### **GILGAMESH**

*Recorda, Rainha: Tamuz, o amor de tua juventude, que destino teve? Que prêmio ganhou? Eu já te digo: luto, choro, lamentação todo ano. O pássaro formoso, de asas multicores, foi teu amante. O que ele ganhou? Asa quebrada, violência de tuas mãos. Agora ele pia na floresta, a chorar como um desgraçado: “Pior, pior, minha asa piora!” O bravo leão foi teu amor. Que dom lhe des-*

tes? Fojos e armadilhas. O belo cavalo, tão bom na refrega, foi teu bem querer. Agora responde: Qual foi seu dote, qual foi sua sorte, que vida Ishtar lhe determinou? Açoite e esporas! Ah, o que mais? Correr a galope por léguas a fio, beber da água que ele mesmo turva com o barro dos cascos. Assim é a vida do cavalo, tristeza de sua mãe Silili. Estou certo?

A deusa morde os lábios e recua com expressão irada. Gilgamesh prossegue:

### **GILGAMESH**

Vamos adiante. Ishtar generosa, que é do vaqueiro que tanto amavas? Que é do pastor que te oferecia tenros cabritos, assados na brasa com pães de delícia? Ai, não te lembras, Ishtar? Teus golpes o transformaram num lobo. Agora seus próprios cães o perseguem, mordem suas coxas sem piedade.

### **ISHTAR**

Basta, Gilgamesh. É uma deusa que tua boca difama. Cala tua boca.

### **GILGAMESH**

Ó Ishtar, tem paciência. Deixa só que eu te lembre de Ishulanu, o jardineiro de teu pai, aquele que te punha a mesa, que te levava todos os dias um cesto de tâmaras. Não te recordas, deusa adorada? Para ele teus olhos de mel se voltaram e tua boca divina rogou: “Ó meu querido Ishulanu, deixa que eu sinta o teu vigor! Mostra teu membro, abre minha porta, põe o teu membro na minha boceta!” Mas ele te disse: “Por que me tentas, Senhora Ishtar? Minha mãe assou o bolo, preparou o bom de comer, serviu-me a comida pura, nada de nojo. Minha carne é limpa, não provo do impuro. Do pão da vergonha não vou comer”. Um golpe foi a tua resposta, um golpe que o transformou em bruto, num bicho bisonho que agora chapinha sem achar saída no teu jardim. O certo eu sei: se Ishtar me tiver entre os seus amores, o mesmo destino terei eu, a mesma sina dos infelizes.

### **ISHTAR**

Mortal, eu sou a Rainha do Céu. Moram comigo amor e ódio.

Ishtar se retira furiosa.

Já vestido e com seus adornos, Gilgamesh põe a coroa na cabeça.

Enkidu aparece.

### **ENKIDU**

Vamos, Rei de Uruk. O povo te espera. Só com tua presença a festa começa. Só tua mão pode abrir a porta do templo.

### **GILGAMESH**

Sim, Enkidu, vamos logo. Passou o perigo.

Os dois se retiram.  
Ouve-se música ao longe.

## Ato III, Cena 5

Eana, o templo. Um sacerdote se aproxima do altar. Ouve-se um rugido. O sacerdote deixa cair o turíbulo e sai assustado. Depois que ele sai, os deuses-estátuas se movimentam: voltam-se para Ishtar que avança na direção da trindade suprema e se dirige a Anu. Ishtar mostra uma expressão de cólera. À medida que ela avança com passos pesados, os outros deuses se afastam. Só ficam visíveis os três maiores e Shamash, que permanece em cena mas se distancia um pouco da irmã.

**ISHTAR**

*Anu, meu pai, Gilgamesh me insultou.*

**ANU**

*Por que o rei de Uruk te insultou?*

**ISHTAR**

*Por que ele é insolente, não respeita os deuses.*

Anu balança a cabeça e se volta sucessivamente para Enlil e Ea.

**EA**

*Que está dizendo a filha de Lua? Não há muito Gilgamesh veio ao Eana e prestou culto às divindades com preces devotas, ricas oferendas.*

**ENLIL**

*Sim, ele promoveu o grande festival.*

**EA**

*Adorou os Anunnaki.*

**ENLIL**

*Adorou os Igigi.*

**EA**

*Fez sacrifícios impecáveis.*

**ANU**

*É certo: Gilgamesh honrou os filhos do Céu.*

**EA**

*Deu alimento a todos os divinos.*

**SHAMASH**

*Ofereceu primícias.*

**ANU**

*E festejou a criação.*

**ENLIL**

*Sim, Gilgamesh celebrou o Akitu.*

**EA**

*O festival que renova o mundo.*

Ishtar sacode a cabeça, irada. Bate com o pé no chão e o templo ressoa. Volta-se em seguida para Ea e fala com ênfase:

**ISHTAR**

*A prece que se acompanha de insulto não vale nada. A oferenda do perverso não vale nada. Assim diz Ea, o senhor do abismo, o mais sábio dos deuses.*

Ea balança a cabeça afirmativamente. Ishtar se volta para Enlil:

**ISHTAR**

*Enlil poderoso e justo, responde: que é da justiça? Gilgamesh matou o teu servo. Não é verdade? Gilgamesh matou o teu servo.*

Enlil balança a cabeça afirmativamente. Shamash afasta-se mais, fazendo com que a luz diminua. Anu olha para os dois deuses que o ladeiam e depois se dirige a Ishtar:

**ANU**

*Diz, Ishtar: Como o rei de Uruk te injuriou?*

**EA**

*Quando foi que isto aconteceu?*

**ENLIL**

*Em que lugar?*

**EA**

*E por que motivo?*

**ISHTAR**

*Estranho, muito estranho. Os grandes deuses me interrogam com perguntas ociosas, os grandes deuses que sabem tudo.*

**ANU**

*De tua boca ouvimos a queixa. Esclarece agora seu fundamento.*

Ishtar morde os lábios, hesita um pouco e finalmente fala:

**ISHTAR**

*Eu vi Gilgamesh que se banhava em seu jardim, e lhe disse palavras de amor. Ele me repeliu e me insultou, cobriu-me de injúrias.*

**ENLIL**

*Que infâmias te disse o filho de Ninsun? Como te insultou?*

**ISHTAR**

*Gilgamesh falou dos amantes que tive, de minha grande luxúria, da desgraça de meus amantes.*

**EA**

*Gloriosa Ishtar, luxúria e furor fazem parte de tua divindade.*

**ENLIL**

*São teus dons, tuas armas terríveis.*

**ANU**

*São graças da poderosa entre os deuses.*

**EA**

*Glórias de Ishtar, que enlouquece os amantes.*

**ENLIL**

*Por teu feitiço, os próprios deuses deliram.*

**ANU**

*Os deuses, os homens, os bichos da terra.*

**EA**

*E os que vivem nas águas.*

**ENLIL**

*E os que voam no céu.*

**EA**

*Que quer, então, a Senhora do Encanto?*

**ENLIL**

*Que deseja Ishtar? Que reparação pretende?*

**ANU**

*Que espera do Céu minha filha terrível?*

**ISHTAR**

*Eu quero vingança do alto. Das mãos de Anu.*

**ANU**

*Quê?*

**ISHTAR**

*Reparação do tamanho da ofensa. Uma vingança que caia do céu, nascida de tuas mãos, Anu. É o que desejo, pai de meu pai. Em nome do rosto brilhante que navega em teu seio e desenha o tempo, em nome do Filho que te deu o Sol, vinga tua neta.*

**ANU**

*Mas como, Ishtar? Que farei para satisfazer-te?*

**ISHTAR**

*O touro celeste. Cria-me o touro celeste e entrega nas minhas mãos suas correntes. Dá-me a besta furiosa, o terror que hoje mesmo eu lançarei contra Uruk.*

**EA**

*Que diz Ishtar? Contra Uruk? A cidade que te adora?*

**ENLIL**

*A grande cidade dos cabeças-negras, onde te celebram em templos magníficos?*

**EA**

*Uruk, onde belas mulheres se entregam aos homens no teu santuário?*

**ENLIL/EA**

*Onde tuas sacerdotizas te incensam todo o dia?*

Ishtar confirma com um aceno de sua cabeça, depois fala pausadamente:

**ISHTAR**

*Sim. A minha cidade, onde hoje fui insultada.*

**ENLIL**

*Que está dizendo a filha de Sin, a neta do Céu? Não é Ishtar a defensora de Uruk?*

**ISHTAR**

*O rei me ofendeu. Sua cidade deve sofrer.*

Anu balança a cabeça e diz com voz pausada:

**ANU**

*Ishtar, se te entrego o touro terrível, haverá uma calamidade.*

**ENLIL**

*Uma seca horrenda.*

**EA**

*Calor e queimor.*

**ENLIL**

*Incêndio nas matas, secura na estepe.*

**EA**

*Vão murchar os rios.*

**ENLIL**

*Vai secar-se a lama fecunda.*

**ANU**

*Serão áridos os campos. O trigal vai fenecer, a cevada vai morrer. Faltarão o pão dos homens. Sem capim, as bestas morrerão de fome. Isso não te importa?*

**EA**

*Os campos secos, a estepe vazia, os rios murchando: isso não te inquieta?*

**ENLIL**

*As searas em fogo, as espigas murchas, os animais em desespero: isso não te incomoda?*

**ISHTAR**

*Eu faço com que a relva cresça. Eu faço o capim para as bestas do campo. A cevada, o trigo, eu alento. Não me inquieto. As mulheres recolheram feno. No silo, os homens guardaram o trigo. Nisaba dará o pão dos homens. Haverá comida para os animais. Eu garanto. Sei que muitos morrerão, sei que muitos nascerão. Não me inquieto.*

## **ANU**

*Ishtar, se eu te crio o touro do céu, se te entrego o touro terrível, haverá desespero em Uruk.*

## **ISHTAR**

*Se meu pai Anu não me entrega o touro do céu, haverá uma grande devastação. Irei ao reino dos mortos, atacarei o país de Ereshkigal, minha irmã sombria. Vou romper os seus portões, a entrada do Sem Retorno. Vou convocar os mortos, devoradores dos vivos. Vou trazer os defuntos para cima da terra.*

## **SHAMASH**

*Ishtar, minha irmã, controla tua ira. Deixa em paz os mortos. Deixa em paz o mundo de baixo. Se os mortos se misturarem aos vivos, os deuses que moram sob a terra, os senhores do reino escuro, virão com lamentos para junto de nós. Sim, os tenebrosos que andam cobertos de barro vão dividir o céu conosco. Isso não pode acontecer.*

## **EA**

*Desiste desta loucura, Ishtar. Tua irmã é poderosa, Ereshkigal é poderosa. Não te arrisques no Sem Retorno.*

## **ENLIL**

*Não arrisques o mundo.*

Ishtar sorri com frieza. Enlil e Ea se voltam para Anu. Ishtar morde os lábios e fita Anu com uma expressão de desafio. O grande deus meneia a cabeça e fala pausadamente:

## **ANU**

*Minha filha, contém tua ira. Eu te darei o touro do céu.*

Shamash se afasta, e à medida que ele se afasta faz-se a penumbra, no tom do crepúsculo. Os deuses se imobilizam. Dois sacerdotes penetram no templo. No escuro, na penumbra que se adensa, ouve-se um ruído de trovão. Os sacerdotes gritam, apavorados. A luz se apaga. Quando volta a acender-se a luz, vê-se no templo um grupo de sacerdotes e gente do povo, erguendo as mãos e rezando tristemente aos deuses imóveis. Ouve-se um confuso rumor de lamentos. O coro se divide: vozes masculinas e femininas alternam.

## **SACERDOTE 1**

*Nosso Senhor, Pai Anu, criador do mundo, os campos estão secos, há incêndio na floresta, o calor nos mata.*

## SACERDOTE 2

*Ea, o fogo devora tuas fontes, o rio se encolhe, o calor nos mata.*

## SACERDOTE 3

*Enlil poderoso, a besta fera tomou os campos. O medo nos mata.*

**CORO M**      *Ó deuses, um touro feroso  
saltou a cerca do horizonte.  
Um bruto invadiu os campos  
e galopa contra a cidade:*

**CORO F**      *Por onde passa a besta fera,  
o incêndio lava.  
Sai um vapor de suas ventas,  
como um jato de treva branca,  
um vento que destrói a vida.*

**CORO M**      *Onde ele escarva com seus cascos  
rompem fagulhas.  
É assim que ele ara a terra.  
O incêndio é sua lavoura.*

**CORO F**      *Os rios fervem,  
o húmus se torna barro cozido.  
Abrem-se as covas  
quando ele bufa.*

**CORO M/F**    *Por que nos ataca a besta fera,  
o touro que saltou do céu?  
Que mal fez Uruk aos deuses?*

Destacam-se homens do povo, Cidadãos de Uruk (Homem 1, Homem 2, Homem 3, Homem 4). Eles falam com expressão aflita, dando notícias da calamidade:

**H.1** *O touro tremendo não é da terra, é um prodígio que veio do céu. Na primeira arremetida ele derrubou cem homens, bramindo e bufando. O vapor de suas ventas derrubou uma centena, abrindo valos no chão. Outros cem caíram do mesmo jeito na segunda investida. O campo se esvazia, ninguém se arrisca a ficar na no caminho da fera. Não há quem detenha o bruto. Não é da terra.*

**H.2** *Os chifres dele são enormes, seu corpo é descomunal. Seus olhos queimam. A terra estronda com seu galope. Ele avança pelos campos, ele se atira contra a cidade.*

**H.1** *Eu o vi do alto da torre. É um monstro medonho, feroz e fulo que nem Humbaba.*

**H.3** *Não brotou da terra, foi do céu que veio.*

**H.1** *Com a fúria de Nergal.*

**H.2** *Com o trovão de Hadad.*

**H.3** *Com a força de Ninurta.*

**H.1** *É o fim do mundo.*

Ouve-se um estrondo. Mais homens e mulheres entram correndo no templo. Choro, lamentos, orações se misturam.

**CORO** *A besta fera, o touro rompante  
abala as muralhas de Uruk  
e faz estremecer o Eana,  
o grande palácio de Anu.  
É como um batalhão no ataque.  
Por que Ishtar não nos defende?  
Que mal fez Uruk aos deuses?*

Um recém chegado anuncia:

**H. 4**

*O rei Gilgamesh armou-se e foi com Enkidu deter o touro. Já faz tempo que eles deixaram para trás as portas da cidade. Dão caça à fera nos arredores. Vem vindo uma sentinela que estava sobre o muro. Ele nos dará notícias. Esperemos o bom sinal.*

Faz-se silêncio. Os sacerdotes se prosternam diante do altar. Ouvem-se murmúrios de oração. Ao longe, um som de trombeta. Chega um novo personagem, ofegante. Um sacerdote lhe oferece água, ele bebe, descansa um pouco e fala com expressão de alívio.

**ST.**

*O perigo passou. Gilgamesh matou o touro terrível. Eu o vi do alto da muralha. Enkidu foi o primeiro a topar a besta fera que já avançava contra Uruk. Ele tentou deter o animal. Quase consegue agarrar-lhe os chifres, mas o touro sacudiu a enorme cabeça e por pouco não o derruba, por pouco não rasga com os chifres o filho da estepe, que saltou de lado. Gilgamesh acudiu e então o bruto*

*investiu contra ele. No que o animal se voltou contra o rei, Enkidu agarrou-lhe o rabo com as mãos e plantou os pés no solo feito um rochedo. Gilgamesh avançou e enterrou a espada no pescoço do animal. Mesmo ferido de morte o bicho ainda arrastou Enkidu por um longo trecho e quase consegue chifrar nosso rei, que se esquivou como um bom dançarino. Por fim o touro dobrou os joelhos e cair com estrondo.*

#### **SAC. 1**

*Bendito seja Anu! Bendito seja Ea!*

#### **SAC. 2**

*Bendito seja Enlil valoroso!*

#### **SAC. 3**

*Demos graças a Shamash, a Ninura, a todos os deuses!*

#### **SACERDOTE 4**

*Demos graças a Ishtar, nossa defensora!*

Ouve-se ao longe uma aclamação que as pessoas presentes no templo ecoam:

#### **POVO**

*Viva Gilgamesh! Viva Enkidu! Bendito seja o Rei! Bendito seja o bravo!*

O recém-chegado suspira. Os homens que já se achavam no templo o interpellam de novo:

#### **H.1**

*Diz, amigo: Que faz o rei? Por que se demora?*

#### **H.2**

*O que aconteceu depois da morte do touro?*

#### **H.2**

*Por que tuas mãos ainda tremem?*

#### **SENTINELA**

*Minha língua se trava. Devo, não devo? Eu quero falar, porém não quero. Ai, eu preciso dizer. Logo depois de o matar o touro, os dois heróis o esquartejaram. Cortaram a enorme cabeça, dividiram os flancos do bicho. Foi então que Ela apareceu.*

#### **VOZES**

*Ela quem?*

**ST.**

*A divina Ishtar.*

**H.1**

*A deusa, você viu?*

**ST.**

*Eu vi, eu ouvi. Ai de mim! Ainda me arrepio. Ela deu um grito que fez gelar o meu sangue. E mais pavoroso ainda foi o brado que soltou o filho da estepe.*

**VOZES**

*Que fez Enkidu? Que disse Enkidu?*

**ST.**

*Atirou uma coxa do animal na direção da deusa e fez uma ameaça que minha boca não deseja repetir.*

**VOZES**

*Como assim? Que palavras falou o homem tremendo?*

**ST.**

*Disse lá ele, com sua boca, que não é a minha, com sua voz, que não é a minha: "Putá, se te pego, faço contigo o mesmo que nós fizemos com o touro."*

**VOZES**

*Ai! Misericórdia! E que se passou?*

**ST.**

*Ai! Eu quisera não ter ouvido, nem visto. Então a a santa, a amada, a Dama do Céu, a Puta divina desapareceu com um grito que me deixou de cabelos brancos.*

**VOZES**

*Oh! Senhora Ishtar, ó Rainha, eu não o escutei!*

**SAC.**

*Filha de Sin, não ouvimos a má palavra, tem piedade de nós!*

**VOZES**

*Ishtar, que tua ira não nos encontre!*

**SAC.**

*Rainha do Céu, tem piedade!*

**VOZ**

*Mas agora conta, sentinela: o que houve em seguida?*

**ST.**

*Gilgamesh e Enkidu foram lavar-se no rio. O povo correu para ver o touro morto no chão, esquartejado, um monstro que ainda assim ainda faz medo. Sua enorme cabeça parece viva, seus olhos faíscam derramando pavor.*

Som de trombeta. Entra um mensageiro.

**MS.**

*Gilgamesh convoca os sacerdotes. Já chamou os artífices e eles fizeram seu trabalho. Mestres artesãos acudiram logo, e obedeceram à ordem do rei: separaram os cornos do touro de sua cabeça medonha. São chifres enormes, de lápis-lazuli, que agora os sacerdotes devem encher com óleo puro, para uma oferenda a Shamash. Não demorem.*

Os sacerdotes e o povo começam a deixar o templo. Ouve-se de longe um som de lamentos.

**S 1.**

*Quem chora? Quem se lastima assim em momento de glória?*

**MS.**

*As cortesãs, as prostitutas, as moças de Ishtar. Dizem que a deusa lhes mandou carpir o morto, chorar o touro. A coxa da fera foi levada ao templo de Ishtar, onde as sacerdotizas entoam lamentos pelo fruto do céu.*

**S2.**

*Pois que chorem as putas. Nós festejaremos.*

## **Ato IV, Cena 1**

Aposento do palácio real de Uruk: um cômodo com pé direito alto, parede muito branca (que servirá de tela para a projeção da cena da assembleia dos deuses, sonho de Enkidu). Enkidu está sentado em seu leito, com expressão abatida. Veem-se uma mulher quase imóvel perto da cabeceira e duas outras ao pé da cama. Gilgamesh, de pé, se aproxima do leito e fita Enkidu com ar preocupado. Depois de um instante de silêncio Enkidu fala, iniciando o diálogo:

**E.**

*Devastação.*

G.

*O que disse, amigo?*

E.

*Devastação.*

G.

*Como assim?*

E.

*É o que nós fizemos: devastação.*

G.

*Que está dizendo, meu irmão? Nós elevamos o nome de Uruk. Vencemos Humbaba, que fazia tremer o mundo. Os cabeças-negras nos aclamam, os povos da terra nos aclamam. Temos agora uma nomeada que não murcha nem desfalece, capaz de vencer o esquecimento. Nós entramos na floresta dos cedros, onde ninguém penetrava.*

E.

*Sim. Matamos o servo de Enlil e penetramos na floresta que era a vestimenta das deusas. Derrubamos os cedros altivos. Ainda escuto seu lamento. Subimos a serra sagrada e que fizemos? Devastação.*

G.

*Não fale assim, meu querido. Como pode o nobre Enkidu dizer palavras escuras? Nós lutamos, nós vencemos. Tivemos um triunfo sem igual.*

E.

*Pois agora o triunfo me parece amargo. Nós rasgamos uma bela floresta, fizemos tombar muitas árvores, tiramos vida e deixamos morte no lugar. Devastação.*

G.

*Enkidu, não faça pouco de nossa campanha. Vencemos o medo, vencemos Humbaba que apavorava a raça humana. Lembre-se da glória que alcançamos. Lembre-se da beleza que nós fizemos aparecer. Tuas palavras fizeram erguer-se uma porta soberba no templo de Enlil.*

E.

*Arte nenhuma supera o encanto de uma floresta. Abrimos uma trilha por onde gente gananciosa pode agora afrontar os deuses. Em nosso rastro muitos vão subir a serra sagrada e arrancar-lhe os cabelos em busca de riqueza. Meu coração está pesado. Escuto o lamento dos cedros e me entristeço. As pedras me doem, o chão rasgado me dilacera. Vejo a montanha santa exposta aos saqueadores.*

G.

*Não, meu amigo, de modo algum. O medo trava a ralé e a grande serra está cheia de perigos. Os próprios deuses afastam de lá os perversos. Nenhum aventureiro tem a coragem de Enkidu, que enfrentou o touro do céu. Quem pode seguir teus passos? Quem é forte como Enkidu? Os poetas cantam as façanhas do filho da estepe. Tuas proezas correm mundo. Os artistas se encantam com tua beleza, os poetas celebram tua glória. Todos aclamam o valente que deteve o touro celeste.*

E.

*Ah, o touro do céu, como era belo! Tão parecido contigo e comigo mesmo! Grande, forte, devastador. Eu me encantei com sua pujança, do mesmo jeito que me encantei com tua beleza. E nós o abatemos, nós o esquartejamos. Matar o touro do céu foi como matar um irmão.*

G.

*Ai, meu amigo delira. Vou chamar um sacerdote, um curador que te reze, um sábio que toque boa música e afaste de ti a nuvem seca, a nuvem dos pensamentos escuros.*

E.

*Não, Gilgamesh. Não quero ouvir nenhuma reza. Sinto um torpor esquisito, o sono já pesa no meu corpo.*

G.

*Dorme, então, amigo meu. Repousa, querido. Fica tranquilo. Depois de um sono sereno a alegria voltará a teu coração.*

Enkidu se deita, a mulher o cobre com mantas. Gilgamesh aperta a mão do amigo, acaricia seus cabelos, dá-lhe um beijo e se retira. A penumbra que domina o ambiente logo se adensa, mas aos poucos a treva torna a esmaecer. Projeta-se um filme na parede branca: visão da assembleia dos deuses: Ishtar está imóvel, com os olhos cerrados, segurando com as mãos cruzadas em xis o seu manto, como a fechar-se em suas vestes. Seu belo rosto se acha maquiado de azul, mais escuro ainda nos lábios. Os deuses a fitam com ar de profunda preocupação.

## **ARURU**

*Deuses e deusas, olhem para Ishtar. Ela se fechou, fez de si mesma um cárcere. Minha irmã tirou a alegria do mundo. Quando ela se ausenta não há desejo: o macho não procura a fêmea. O campo fenece, a terra entristece. O cavalo não cobre a égua, o carneiro ignora a ovelha, o leão aborrece a leoa. Meus animais se desolam. Os homens se esquecem das mulheres, as mulheres repelem os homens.*

### **NISABA**

*Sem o leite, que é o mundo? As espigas murcham, as flores se abrem para nada. As abelhas não voam, o mel se empedra, o leite seca no peito da vaca, no ubre da cabra. Ishtar assombra a todos quando se enche de furor, mas é ela quem traz a delícia.*

### **NINMAH**

*Realmente, é ela que faz a alegria, assim na terra como no céu. Ishtar ausente é muito mais terrível.*

### **NINURTA**

*É verdade o que diz a Nossa Senhora Aruru. Eu vejo Ishtar aqui conosco, mas sinto o frio de sua ausência. Ela se fechou no seu corpo sagrado e seu rosto escureceu. Olho para Ishtar e vejo sua irmã, a tremenda Ereshkigal. Receio que ela cumpra sua ameaça, desça ao mundo das trevas e tome o lugar da irmã, desolando de vez a terra e o céu. Por que a divina Ishtar não se move? Por que não fala?*

### **ENLIL**

*Mortais insolentes a ofenderam, homens que não respeitam os deuses.*

### **NINURTA**

*Pois que morram.*

### **ENLIL**

*Sim, meu filho. Que morram de má morte o rei de Uruk e o filho da estepe, os assassinos de Humbaba. Eles mataram o touro do céu e ofenderam a bela rainha.*

### **SHAMASH**

*Deuses, sejamos justos. Gilgamesh e Enkidu abateram um monstro que apavorava os humanos. O rei de Uruk combateu o touro que devastava seu país. Com a ajuda de Enkidu, deteve a ruína do povo. Não é justo castigar o rei que defende seu povo, o herói que impede a ruína do povo.*

### **ENLIL**

*Gilgamesh e Enkidu são dois criminosos. Eles mataram meu servo e penetraram na floresta dos deuses com pés imundos, com rudes machados, com suas mãos sujas de sangue. Violaram o bosque divino. Com mãos profanas, mataram árvores santas.*

### **SHAMASH**

*Enlil, recorda: foi com teu consentimento que eles eliminaram Humbaba.*

### **ENLIL**

*Luminoso, a culpa é tua. Com teu apoio eles subiram a montanha e trucidaram seu guardião. Depois se tornaram ainda mais arrogantes: insultaram a deusa tua*

*irmã. O brilhante Shamash se associou com miseráveis humanos. Por que fala nesta assembleia um deus que desce e se faz parceiro de miseráveis humanos?*

#### **SHAMASH**

*Por acaso o bravo Enlil quer que eu vá-me embora e deixe o céu para sempre? O bravo Enlil prefere a treva? Deseja que a terra, onde reina, se cubra de sombras para sempre?*

#### **EA**

*Não convém que os deuses disputem por causa de miseráveis humanos.*

#### **ANU**

*Sim, esqueçamos a disputa. Que os deuses ponderem serenamente. Ouvirei a todos.*

#### **ENLIL**

*Digo o que é certo, afirmo o inegável: Gilgamesh e Enkidu ofenderam a divindade. Ambos devem morrer. Por sua insolência, por seus abusos. Sim, pela queda de Humbaba, pelo touro do céu, por seus insultos a Ishtar, por seus atos insanos, ambos têm de morrer.*

#### **SHAMASH**

*O filho de Lugalbanda é rei de Uruk, defensor de seu povo. Nós mesmos o sagramos rei. Não é justo que ele morra por tomar a defesa do povo.*

#### **ENLIL**

*Os insolentes merecem a morte.*

*As deusas Ninmah, Aruru, Nisaba e Ninlil se pronunciam a uma só voz:*

#### **DEUSAS**

*Gilgamesh e Enkidu merecem a morte.*

*Ninsum volta-se para as outras deusas e protesta, golpeando sua própria coxa com os punhos:*

#### **NINSUN**

*Por que me ferem? Por que deuses e deusas querem a morte de meu filho? Aruru, Nisaba, Nillil, Ninmah, as santas não sabem o que é parir? Oh, não reclamem depois que a sabedoria deixou o céu.*

#### **DEUSAS**

*Poupemos o filho de Ninsun. Que viva Gilgamesh, o soberano de Uruk, a bem feita. Morra sozinho o seu amigo.*

**NINSUN**

*Deuses e deusas, peço também por Enkidu, filho que adotei.*

**NINMAH**

*Enkidu não passou por tua vagina.*

**NINLIL**

*Não mamou no teu seio.*

**NISABA**

*Não é teu fruto.*

**NINSUN**

*Aruru, recorda: o homem selvagem que adotei foi feito por tuas mãos.*

**ARURU**

*Os viventes que moldo no barro, todos me voltam ao barro. É assim a criação.*

**NINSUN**

*Ai! Que dizem as minhas irmãs?*

**DEUSAS**

*Que morra Enkidu e viva Gilgamesh.*

**EA**

Honremos as Damas poderosas, horemos o justo. O bravo Enlil fala com força e há verdade nas suas palavras, mas Shamash tem razão quando nos lembra de que Gilgamesh defendia seu povo. O rei de Uruk não deve morrer.

**NINURTA**

*Pois então que morra Enkidu.*

**ENLIL (irado)**

*Sim, que morra Enkidu. E com ele o rei de Uruk.*

Ishtar abre os olhos, descruza os braços e fala com veemência:

**ISHTAR**

*Enkidu deve morrer. Gilgamesh não deve morrer.*

**SHAMASH**

*Os deuses ouviram? Enlil escutou? Ishtar, minha Irmã, a Dama que se declara ofendida, pronunciou-se com voz bem firme. Ela poupa Gilgamesh.*

**ANU**

*É verdade, Ishtar?*

**ISHTAR**

*Grandes deuses, não se enganem. Ishtar não poupa seus inimigos.*

**ANU**

*Que deseje, então, a filha de meu filho?*

**ISHTAR**

*Que Enkidu morra e Gilgamesh viva.*

**ANU**

*É este o teu desejo, Ishtar gloriosa?*

**ISHTAR**

*Sim. Eu repito: que Enkidu pereça e o rei de Uruk contemple a morte do seu companheiro. Quero que o soberbo viva. E contemple sua própria morte.*

**ANU**

*Eu escutei a tua voz. O que diz o Senhor do Abismo?*

**EA**

*Estou de acordo. Morra Enkidu e viva Gilgamesh.*

**ANU**

*Enlil poderoso, qual é a tua sentença?*

**ENLIL**

*Cumpra-se o voto da ofendida. Que morra Enkidu. Ele não teve misericórdia.*

**ANU**

*Assim seja.*

Ishtar sorri. A luz se torna mais forte e se apaga de repente, findando a projeção. No escuro, Enkidu dá um grito. As servas acorrem. Acende-se uma tocha. Uma das mulheres toca a testa de Enkidu e diz:

**S.1.**

*Ele queima de febre.*

Outra serva toca os pés do enfermo e revela:

S.2.

*Seus pés estão frios.*

Uma das servas sai com uma tocha. Enkidu geme. Vem Gilgamesh acompanhado por servidores. Enkidu senta-se no leito, acabrunhado. Gilgamesh se aproxima do leito de Enkidu, toma-lhe a mão carinhosamente e lhe indaga:

G.

*Que tem meu amigo? Que tem meu irmão?*

E.

*Ai, Gilgamesh, tive um sonho terrível. Eu vi os grandes deuses reunidos em conselho. Eles falavam a nosso respeito, discutiam a nosso respeito. Por fim, decidiram, deram sentença: “Enkidu deve morrer, Gilgamesh não deve morrer”.*

G.

*Não, não pode ser. Foi um sonho mau que algum demônio criou. Não é possível que os deuses te condenem assim, que Anu te imponha este destino. Não é justo que os filhos do Céu me poupem sacrificando meu irmão. Febre te atacou, Febre criou a treva enganosa no teu juízo. Que venham os curadores, que venham os médicos. Que a música serene teu coração.*

Gilgamesh bate palmas, os servos se agitam e saem para cumprir suas ordens. Chega um curador que examina Enkidu tomando-lhe o pulso. Outro médico prepara uma poção que lhe dá a beber, enquanto reza baixinho. Uma das servas aplica na testa de Enkidu uma compressa, outra massageia seus pés. Vem uma mulher com uma lira e toca suavemente. Enkidu adormece. A música cessa. Gilgamesh verifica que o amigo dormiu, dá-lhe um beijo e se retira, precedido pelo servo com a tocha. Aias se deitam em mantas colocadas no chão.

## Ato IV, Cena 2

Madrugada. Enkidu desperta, as aias permanecem adormecidas. Enkidu abre os olhos, senta-se lentamente na cama, fita o vazio com expressão de sonâmbulo e fala com voz rouca:

E.

*Porta, eu te vejo, mesmo de longe: linda, magnífica, rica de imagens, gloriosa. Assim meu coração te enxerga. É excelente a tua madeira, que veio de árvore santa, a mais bela de todas: carne de cedro soberbo, soberano em sua floresta. Artistas te ergueram em Nipur segundo o desenho de meus sonhos, o melhor de minha memória. Porta encantadora, todos te louvam. Arte fascinante, pura*

*maravilha. Mas te falta o entendimento. Eu, que tenho juízo, hoje te renego, porta sem razão: hoje te declaro maldita. Ah! Se eu soubesse para que destino me davas passagem, que sorte me abrias, porta dos demônios, filha de Humbaba, eu teria logo acabado contigo, teria desfeito a tua beleza a golpes de machado. Agora eu te amaldiçoo, insensata. Um rei virá, um homem bárbaro que te derube, que risque o meu nome de tua face, raspe minha imagem e imprima em tua lenha sua figura horrorosa. Sim, há de vir um criminoso que lance em teu rosto sua infâmia. Maldita sejas para sempre, porta de meus sonhos.*

Enkidu faz uma pausa ofegante. Ouve-se um pio de coruja, seguido de um uivo. Quando o silêncio volta, ele recomeça.

**E.**

*Os velhos pastores me davam pena, me pareciam montes de palha. Hoje eu sou um monte de palha. Bastou uma noite para me envelhecer. Eu nunca devia ter deixado a estepe, abandonado meus animais. Mamei na gazela. Meus irmãos foram cervos, onagros, o povo de cascos. Como era bom ser bicho, um puro bicho do mato! Mas então apareceu o estúpido Caçador, que me viu e me revelou. Miserável Caçador, recebe agora minha maldição: que a fome te devore e a caça te escape, que as feras te encontrem desarmado no meio da estepe, que lobos e hienas te dilacerem. Maldito sejas, Caçador, até a hora de tua morte.*

Pausa. Novos sons noturnos. Enkidu tenta levantar-se e não consegue; agonizando, senta-se de novo na cama e fala com raiva, como se estivesse diante da pessoa que ele acusa:

**E.**

*Shamtar, desgraçada, agora é tua vez. Minha maldição há de cair sobre tua cabeça e minhas pragas vão cercar-te por todos os lados. A estrada será tua residência, a sarjeta será teu leito. Teu belo vestido há de ser rasgado, teu manto sujo de lama. Os homens te darão desprezo; o faminto e o sequioso baterão na tua cara. Tua comida há de ser nojenta, o resto do mendigo, a sobra do lixo. Tua boca seca há de beber em vaso imundo, água barrenta em vez de cerveja. Será miserável tua vida, miserável a tua morte.*

Pausa. Enkidu ofega e golpeia as coxas com os punhos, depois se imobiliza. De súbito, uma luz forte invade o aposento e a voz de Shamash se faz ouvir:

**S.**

*Enkidu, que palavras são estas? Por que enches a boca de pragas? Por que acolhes o ódio, esse nojo que torna tudo feio, aumenta as dores e estraga a lembrança? A injustiça envenena, filho da estepe. Não deixes que ela suje teu coração e te torne ingrato. Não permitas que o ressentimento, filho medonho do pavor,*

*amargue tua memória, deforme teu passado. Ouve o que te digo: a porta de Enkidu maravilha os homens, está na boca de poetas, não será esquecida. Por que destruir uma fonte de música? Eu mesmo, Shamash, deito luz na tua porta, ilumino teu nome.*

Breve pausa. Enkidu esconde o rosto com as mãos. Shamash recomeça.

**S.**

*Diz, grande homem: Que mal te fez o caçador? Ele te viu e te anunciou. Não merece castigo por ter falado ao rei de tua aparição. Foi graças a sua notícia que Gilgamesh te conheceu.*

Nova pausa. Enkidu permanece com o rosto encoberto. Shamash prossegue:

**S.**

*Responde, selvagem: por que amaldiçoas a mulher que te ensinou o gozo, levou a alegria a teu corpo, te iniciou no prazer? Shamtar te arrancou do meio dos brutos e revelou o teu nome. Pôs na tua boca o alimento puro, a bebida que alegra os homens. Como se fosse tua mãe, ela te fez vestir túnica e manto, penteou tua cabeleira, lavou tua carne, perfumou teu corpo, fez aparecer a tua beleza. Não é verdade? Shamtar te levou a Uruk, onde a juventude se regozija; levou-te a Gilgamesh, que te deu assento num trono, te engrandeceu e te dedicou amor. Graças a ela foram muitos teus dias de festa. Graças a Shamtar tiveste amigo e foste honrado pelos cabeças-negras. Recorda, Enkidu: Shamtar te levou a Gilgamesh.*

Enkidu faz sinal de assentimento, acenando lentamente com a cabeça. Escorrem lágrimas de seus olhos. A voz de Shamash prossegue:

**S.**

*Agora Enkidu esquece Gilgamesh? O Rei de Uruk sofre tua dor, se desola com tua tristeza. Depois de tua partida ele há de chorar amargamente. Devo crer que o filho da estepe agora detesta o rei, despreza seu companheiro, seu amigo querido? Por acaso Enkidu se arrepende do amor, desfaz da amizade, tem ódio da vida que desfrutou ao lado de um rei? O filho adotivo repele Ninsun?*

Enkidu chora. O deus insiste:

**S.**

*A Mulher Dama e o Caçador te levaram a Gilgamesh, que te fez príncipe em Uruk. Enkidu agora detesta Gilgamesh?*

Emocionado, Enkidu suspira profundamente, meneia a cabeça e fala com voz embargada, mas em tom solene.

**E.**

*Divino Shamash, eu te agradeço. A tua luz me purifica, teus raios lavam meu coração. Desdigo as palavras ruins que eu disse, as sentenças de mau agouro. Em lugar da maldição eu vou pronunciar a bênção. Apago a voz da ruína, invoco a boa fortuna. Bem lembrada seja a porta em que os artesãos de Nipur desenharam minha aventura, minha jornada com Gilgamesh. Benditos sejam os poetas que guardarão essas imagens: os cantores de minha vida, os cantores de minha morte. Renego todas as maldições que proferi com os lábios amargos. Caçador, que praga nenhuma te alcance. Que teu desejo seja satisfeito e tua mesa seja farta. Bela Shamtar, minha boca lançou a praga, minha boca retira a maldição. Que Ishtar te coroe, que todos deuses te protejam. Reis e príncipes vão te amar. O poderoso há de ceder a teus encantos, o nobre deixará por ti esposa e concubina, o rico te dará fortuna. O general há de querer-te mais ainda que o soldado. Os sacerdotes te abrirão com alegria as portas do templo. Rogo aos deuses que nada te falte e todos te queiram bem.*

**S.**

*Assim seja.*

A luz intensa diminui, de modo que o quarto parece bem mais escuro depois que Shamash se cala. Enkidu se deita de novo, volta a cobrir-se (de modo desajeitado) e fecha os olhos, tentando conter o pranto. No que ele solta um gemido, já deitado, uma mulher se levanta e caminha até o leito, cobre-o com cuidado, afaga seus cabelos e lhe oferece água, que ele recusa. A iluminação vai de novo crescendo até sugerir manhã já clara. Aias arrumam a alcova. Uma delas sai e volta com um curador que passa as mãos suavemente pelo corpo de Enkidu e reza baixinho, num murmúrio quase inaudível. Enkidu abre os olhos. A princípio ele se mostra um pouco agitado, mas logo se acalma. O sacerdote passa um ramo sobre sua cabeça, como quem abana. Enkidu fecha os olhos de novo, mas logo torna a abri-los. Soergue então o corpo, procurando apoiar o dorso em almofadas que uma aia prestimosa encosta na sua cabeceira. Em seguida a mulher torna a oferecer-lhe água e ele bebe, mas recusa o alimento que outras servas lhe trazem. Depois de beber, Enkidu torna a cerrar os os olhos. O curador continua sua reza. A cabeça de Enkidu pende, num cochilo. As aias fazem com que ele se deite de modo mais cômodo. Chega Gilgamesh. Os servos colocam perto do leito de Enkidu uma cadeira onde Gilgamesh se senta em silêncio, imóvel, até que Enkidu abre os olhos e se volta para ele, com um leve sorriso nos lábios. As aias se afastam. Gilgamesh indaga:

**G.**

*Como se sente, meu irmão? Foi bom teu sono? Foi boa tua noite?*

E.

*A noite foi bruta, difícil. Me senti muito fraco e meu coração estava pesado. Mas de madrugada tive um bom momento. O divino Shamash falou comigo. Sua voz clareou, sua luz verdadeira banhou meu peito e me livrou de um sentimento ruim. Agora estou melhor.*

G.

*Que bom! Meu irmão ouviu o Sol. Em breve estará bem de novo, recuperado.*

E.

*Não, Gilgamesh. Não espero tanto. Shamash me purificou, sua bela palavra me deu alívio. Estou melhor, mas sei que não duro muito. Shamash também me fez anúncio de choro e lamentação.*

G.

*Não fale assim, meu irmão. A voz do deus é poderosa, sua luz é vida. Se Shamash te visitou, isso quer dizer que a tua força renascerá. As palavras dos deuses às vezes nos confundem, mas sua visita significa saúde. Vamos, levanta-te um pouco do leito.*

Os servos trazem uma cadeira confortável e a colocam perto da sêdia do rei, então levada mais para a frente do palco, porém ainda a pouca distância do leito do enfermo. Gilgamesh ajuda Enkidu a levantar-se da cama e assentar-se na cadeira; depois chama os servos e lhes dá ordens. Os servidores trazem bandejas com alimentos. Aias limpam com toalhas o suor de Enkidu, lavam seu rosto com panos úmidos, penteiam sua cabeleira; outras passam óleo perfumado no corpo do enfermo e massageiam delicadamente seus pés. Enkidu ofega um pouco, porém sorri e se mostra mais animado. Em seguida ele bebe uma poção, come um pouco de pão com azeite e prova uma pequena fruta, imitando Gilgamesh, que o encoraja. O rei ordena:

G.

*Que venham os músicos e toquem alegria.*

Os músicos chegam e tocam. O rei e o enfermo trocam algumas palavras em voz baixa, mas logo Enkidu deixa pender a cabeça, vencido pelo sono. Gilgamesh o carrega nos braços, deita-o de novo no leito, beija seu rosto e se retira. Cai o pano.

## Ato IV, Cena 3

Madrugada, luz de aurora. Enkidu está deitado em seu leito. Um sacerdote curador cochila num banco próximo. Aias dormem em alcochoados, mas duas

delas estão despertas, e conversam num canto afastado da cama do enfermo, mais perto da plateia. Ao longe, ouvem-se discretos cantos de pássaros.

A.1.

*Doze noites de vigília. Fadiga, fadiga.*

A.2.

*Doze dias de angústia.*

A.1.

*Sim, doze, com este que começa.*

A.2.

*O príncipe está cada vez mais fraco. Desde ontem recusa o alimento.*

A.1.

*Mal bebe água.*

A.2.

*Febre vai e vem.*

A.1.

*Tem o sono agitado.*

A.2.

*Sim. Cortado em pedaços pela doença.*

A.1.

*Ai, nós também já não dormimos o sono inteiro, o sono sereno. Já temos de fazer turnos para lhe dar assistência. E mesmo fora de turno a gente acorda com aflição.*

A.2.

*É rude a vigília.*

A.1.

*De vez em quando, um sobressalto. Que percorre todo o palácio.*

A.2.

*O rei passa horas à cabeceira do amigo*

A.1.

*Estremece quando ele geme.*

A.2.

*O Senhor de Uruk não tem sossego.*

A.1.

*Tarde ele sai, cedo ele volta a este aposente. E dia a dia se entristece.*

A.2.

*O poderoso que nada receia tem agora medo de ouvir os médicos.*

A.1.

*Não há curador que não tenha chamado para tratar de Enkidu.*

A.2.

*Mas os remédios são inúteis, as rezas são inúteis.*

A.1.

*Falham as poções, falham os unguentos.*

A.2.

*Falham as bênçãos de Ninsun.*

A.1.

*A esperança murcha.*

A.2.

*Veja, amiga: o dia amanhece, mas sua luz está fria.*

A.1.

*Meu coração é um poço de lágrimas. Um demônio sufoca meu príncipe.*

A.2.

*Ai, veja como ele se agita. É um sonho mau.*

Enkidu dá um grito. As duas aias acodem, pressurosas. Uma delas pega uma toalha e enxuga a testa do enfermo. A outra enche uma taça com água e oferece a Enkidu. O curador desperta, as outras servas despertam. Trazem remédios, massageiam os pés do paciente, arrumam o quarto, agitam leques. Enkidu finalmente fala:

E.

*Chamem Gilgamesh. Quero falar com Gilgamesh.*

Uma serva sai apressada. O curador toma um ramo verde, que mergulha num recipiente com água e asperge o quarto, enquanto recita:

## CURADOR

*Vai-te embora, Anzu, vai-te embora pavor. Sai daqui, assombro. Eu te esconjuro. Socorre, Ea! Acode, Shamash! Que a treva deixe nosso príncipe, que o fruto da treva deixe nosso príncipe.*

Algumas servas acompanham o curador numa dança breve, patética, agitando os braços como para afastar um ente invisível. Enkidu faz sinal às aias, pede que o ajudem. Com seu apoio - e com dificuldade - ele se recosta sobre almofadas na cabeceira de seu leito. Entra Gilgamesh, com um pequeno séquito.

G.

*Que tem meu irmão?*

E.

*Ai, Gilgamesh, eu tive um sonho pavoroso. Bramava o céu, a terra tremia. Um vulto surgiu, um vulto de homem, de rosto sombrio. Era que nem Anzu, o demônio, carranca de leão. Tinha garras de águia. Ele me assaltou. Foi em vão que me debati: com um salto medonho, ele me agarrou, golpeando a minha cabeça. Afundei, feito um barco arrombado. Mergulhei no escuro, na treva borbulhante. E quando pude abrir os olhos vi meu corpo transformado, emplumado, que nem um pássaro.*

G.

*Esquece, meu querido. Cala tua boca. Não deixes vir à luz este sonho de tua cabeça.*

E.

*Ai Gilgamesh, como esquecer? O vulto medonho me arrastou pela estrada do turbilhão e me levou à Terra Sombria: à Casa de onde não sai quem nela tiver entrado, a Casa cujos moradores não veem a luz, onde o pó é o manjar e o barro a iguaria. Ai de mim! O terror me empurrou para o ventre escuro, me prendeu no cárcere imundo.*

Enkidu fecha os olhos. Gilgamesh protesta:

G.

*Acorda, meu irmão, abre os olhos, homem da estepe. Vê o palácio, contempla meu rosto. Tu não estás no cárcere imundo.*

Enkidu abre os olhos, respira fundo e prossegue:

E.

*Horror me cercou, sombra funesta me cercou. Escuta, Gilgamesh.*

G.

*Que diz meu irmão?*

E.

*Na Casa do Pó, na Triste Casa em que eu entrei, vi coroas jogadas no chão. Vi os reis antigos, imagens dos deuses, servindo à mesa dos Assombros. Vi os príncipes derreados, os nobres que nem mendigos, os ministros e os sacerdotes lançados à toa na laia dos mortos. Encontrei caído no barro o grande Etana, o sábio que subiu ao céu; vi o poderoso Shakan, nu em pelo, pastoreando sombras vazias. Encontrei muitos homens ilustres, ricos e nobres, roídos de vermes; achei os juízes e os generais na mesma lama que os miseráveis. Vi Ereshkigal, a soberana do Reino de Baixo, sentada em seu trono, com os seios nus. Ajoelhada diante dela, Belit-Seri, sua servidora, escrevia numa placa de barro. A Rainha indagou: quem trouxe aqui esta criatura? Foi quando acordei.*

G.

*Meu irmão, deixa no escuro este sonho sinistro. Olha para a luz, meu irmão.*

*Enkidu ofega e descansa por um momento, mas pouco depois tem um sobresalto. Dá ntão um gemido e prossegue, com voz rouca:*

E.

*Ai, lá vem ele de novo.*

G.

*Quem?*

E.

*O vulto medonho. Gilgamesh, querido, nunca mais te verei. De lá de baixo ninguém sobe, ninguém retorna, que eles não deixam. Adeus, Gilgamesh. Não me esqueças. Eu não tombei no combate; morro inútil na cama, feito um homem de pouco valor. Mas não permita Gilgamesh que eu fique sem honra. Não me esqueças, filho de Ninsun.*

G.

*Amigo, irmão, como te esquecer? Contempla meu rosto, vê meus olhos cheios de lágrimas. Em meu coração tua imagem nunca se apaga. Espera, Enkidu. Olha para mim, ouve o que digo. Mandarei fazer tua estátua de prata e de ouro. Mandarei que o povo de Uruk se reúna e te celebre em todo o reino. O palácio repete teu nome, torre e a muralha guardam teu nome. Querido, não me deixes. Por que meu irmão se despede? Se me abandona, que vida posso ter? Não me deixes, não te esqueças. Ai, Enkidu, não me abandones.*

Enkidu ofega, num último suspiro. Gilgamesh se abraça com seu corpo, encosta a cabeça no seu peito.

**G.**

*Meu irmão, meu companheiro, por que tua boca não me responde? Por que este silêncio? Por que esta frieza? Por que não ouço teu coração?*

O coro dos servos responde com gemidos. As aias se aproximam chorando. Gilgamesh se ergue com um grito, atira ao chão sua coroa, arranca e rasga seu manto. Ministros, servos e servas acorrem, com lamentos e expressões de pavor. Gilgamesh se descabela, chorando. Em seguida, beija o cadáver e se senta no chão perto dele, assumindo a posição fetal, enquanto soluça. As aias fecham os olhos do morto e em seguida se agacham, formando um círculo à volta do rei, que se mantém na mesma posição. Após um curto intervalo de silêncio em que a cena se congela, Gilgamesh emite um longo gemido, prolongado por um instrumento de cordas (algo como um celo, por exemplo) de que apenas se ouve o som contínuo, gemente. À medida que o som progride, a luz se enfraquece até chegar à escuridão total.

## Ato IV, Cena 4

Quando a luz retorna vê-se ainda Gilgamesh e as aias na mesma posição, diante do corpo de Enkidu. Entram ministros, anciãos do povo, sacerdotes. Dois dos mais velhos (um ministro e um sacerdote) se aproximam de Gilgamesh.

**M.**

*Rei de Uruk, filho de Ninsun, muitos dias já se passaram. Permite que levemos o corpo do finado para sua tumba. Já passa do tempo. É dever de quem fica sepultar os mortos.*

Gilgamesh permanece calado. Um sacerdote toma a palavra.

**S.**

*Gilgamesh, o morto reclama. O finado não tem sossego enquanto seu corpo está insepulto. Não deixes que sua alma fique atormentada, vagando pelas ruas escuras, errando louca pela estepe. Não deixes que ela vire assombro, espalhe terror e leve esconjuro, faça colheita de maldições. Não tornes difícil, Gilgamesh, a viagem de teu amigo.*

**M.**

*Os deuses do Ersetu reclamam. O espírito infeliz sofre tormentos enquanto a terra não cobre seu corpo. Enkidu está sofrendo porque os ritos não foram feitos. Nós lhe devemos a cerimônia, nós lhe devemos a sepultura.*

Gilgamesh ergue a cabeça e faz sinal de assentimento. O Ministro se volta para o lado e chama com um gesto um grupo de áulicos. Estes entram com uma padiola onde depositam o morto. Gilgamesh tapa o rosto com as mãos e se põe de costas enquanto os guardas saem com o féretro. As mulheres ululam. Quando o féretro se retira começa a lamentação. O coro responde a Gilgamesh. Um citaredo se associa ao coro.

G. *Ó Enkidu, tua mãe foi a gazela, teu pai era o forte onagro.*

*Aqueles cujo emblema é a cauda  
aqueles que correm nos prados  
eram tua família,  
eram teu povo as bestas do campo.  
Que eles chorem por ti na grande estepe.  
Que te deplorem nas suas pastagens  
o boi e o carneiro,  
o veado e a cabra montesa.  
Lamente-se a campina.  
Chorem por ti o ciprestre e o cedro,  
o buxo sempre verde,  
as árvores do campo.*

C. *As manadas que batem a estepe  
digam sua tristeza:*

*os cervos se lamentem  
e os auroques se queixem.  
Enkidu foi-se embora,  
Enkidu foi-se embora.*

G. *Leopardo e pantera,  
com a hiena e o leão  
bramindo se lamentem  
na mata, nas cavernas  
no seio da montanha.*

C. *As feras perigosas  
nos vales se lastimem,  
chorem na serrania.  
Enkidu foi-se embora,  
Enkidu foi-se embora.*

Som de uivos e nitridos. Um citaredo toca seu instrumento de forma pungente, imitando o pranto dos animais. As mulheres dançam ao redor do rei uma dança de sofrimento.

- G. *Águas do rio Ula,  
de margens graciosas  
onde juntos andamos,  
escorram como pranto.*
- C. *Correntezas do Eufrates,  
Águas puras do Tigre  
respondam com soluços:  
Enkidu foi-se embora.*
- G. *Chore toda a cidade  
lamentem as aldeias.  
As virgens e as matronas,  
em ofício de lástima,  
ululam em Uruk  
como se fossem lobas.  
Meu amigo não ouve?*
- C. *A bela Mulher Dama  
que fez o teu deleite,  
a mestra, a meretriz  
que te ungiu com perfume  
hoje chora por ti.*
- G. *Quem te deu de comer,  
quem te deu de beber,  
o pastor e a pastora,  
os jovens que assistiram  
teu combate com o touro,  
estão hoje de luto.  
Meu amigo não vê?*
- C. *Chore toda a cidade  
lamentem as aldeias:  
Enkidu foi-se embora  
Enkidu não retorna.*
- G. *Ouça-me bem o povo de Uruk,  
o redil dos cabeças negras:  
o machado em meu flanco  
a morte arrebatou.  
A espada que eu cingia,  
o escudo de meu corpo,*

Anzu arrebatou.  
O meu traje de gala,  
meu adorno melhor,  
Inferno arrebatou.  
Ai, Enkidu meu amigo caçula,  
onagro na planície,  
pantera da estepe,  
camarada fiel  
com quem venci perigos  
no campo e na montanha,  
ai, meu bravo Enkidu,  
vencedor do touro feroso,  
eu te fiz assentar a meu lado num trono  
e os príncipes da terra beijaram teus pés  
mas agora derramo lágrimas amargas  
diante de tua ausência.  
Deixarei crescer os meus cabelos  
dia e noite chorando  
diante de tua ausência.

Todos se imobilizam. A luz diminui até que se apaga. Quando a luz se acende de novo descerra-se uma cortina descobrindo uma plataforma mais elevada onde se avista a estátua de Enkidu (ou seja, o ator que faz o papel de Enkidu, completamente imóvel). Na plataforma inferior, entra um sacerdote que se dirige a Gilgamesh.

**S.**  
*Os ritos iniciais já foram cumpridos.*

**G.**  
*Que prossigam as cerimônias. Sacrifício de bois gordos, de belas ovelhas para Enkidu. E os presentes mais ricos, da lavra dos ourives.*

O sacerdote faz sinal de assentimento. Entram servos que depositam vasos ao redor da estátua. Um grupo de sacerdotes e ministros entra em cena em silêncio.

**G.**  
*Dediquem-se logo as oferendas, a fim de que os deuses sejam propícios. Para Ishtar, a grande rainha, as mais belas vestes; para Namra-sit as mais belas vestes.*

**S.**  
*Sim, que elas sorriam no caminho de Enkidu.*

G.

*Ordeno que os sacerdotes se levantem ao nascer do sol e mostrem a Shamash as oferendas. Um belo cajado para Dumuzi, amado de Ishtar. Brindes para os deuses da sombra. Que Namtar se alegre e Ereshkigal sorria.*

S.

*Sim, que a Rainha do país de baixo sorria a Enkidu.*

G.

*Prepare-se o banquete.*

S.

*Sim, majestade. Os sacrifícios serão feitos e o triste banquete será preparado.*

G.

*Escutem bem os sacerdotes, os anciãos, os ministros: exijo que toda Uruk celebre esta pompa fúnebre. Seu rei vai partir.*

## Ato V, Cena 1

O cenário mostra no primeiro plano um lugar agreste, desabitado. Vê-se ao fundo uma montanha. Há uma subida para o plano onde se acha representada a montanha, com uma caverna em sua base. Gilgamesh se detém num trecho do agreste, no plano inferior. Veste uma pele de leão e uma túnica curta, quase esfarrapada; suas sandálias estão gastas, e ele mostra fadiga. Senta-se no chão e bebe água de um cantil. Afastando da cabeça a cerviz de leão, ele derrama um pouco de água nos cabelos desgrehados. Um brilho súbito faz com que o herói se erga e se volte para a montanha. Ouve-se a voz de Shamash.

S.

*Para onde vai o rei de Uruk? Por que anda errante, trilhando o ermo, o sertão imenso? O que procura Gilgamesh? Por que vagueia sozinho na terra? Há tempo que te vejo nesta caminhada vazia, exposto a calor e frio, exposto a perigos, cheio de cansaço. O que procura Gilgamesh?*

G.

*Enkidu morreu. Eu vi seu corpo deitado na cama, lavei seu rosto com minhas lágrimas. Chamei, ele não respondeu. Não pôde erguer-se. Não pôde falar. Assim será comigo, não é mesmo? Tenho a morte no meu calcanhar. Se Morte me pega, vou ficar como Enkidu. Não quero. Andando na estepe, chorando na estepe, lembrei-me de Utanapíshim, o Sábio Supremo, que recebeu uma grande graça. Ele não morre. Estou à procura Utanapíshim, meu antepassado.*

**S.**

*Desiste, Gilgamesh. O filho de Ubar Tutu foi único entre os homens. As águas grandes já se recolheram. O tempo passou. O mundo não transborda. Utanapíshitim, o filho de Ubar Tutu, foi posto pelos deuses muito longe da humanidade. Desiste, Gilgamesh.*

**G.**

*Ah, o Sol me diz que desista. Como atenderei? Conheço agora o destino dos homens, o destino que me agonia. O Sol pode morrer e retornar; mas para os homens, quando a breve luz se acaba, a noite é perpétua, o sono um só. Divino Shamash, eu quero a vida verdadeira, a que não acaba.*

**S.**

*Desiste, Gilgamesh.*

A luz de Shamash diminui, esmaece. Gilgamesh fica imóvel por um instante, como se esperasse ainda uma fala do deus, mas logo retoma a caminhada e se dirige à rampa que leva ao segundo plano, onde se vê a montanha. No alto, perto da rampa, destacam-se um homem escorpião e sua mulher. Outros circulam pelo palco. Gilgamesh se detém e recua espantado pela aparência das criaturas, mas logo se reanima e segue caminho de novo, rumando na direção do casal que o fita.

**H. E.**

*Este que vem vindo é carne dos deuses.*

**M. E.**

*Dois terços ele é deus, um terço dele é humano.*

Gilgamesh se aproxima e saúda os dois com uma breve reverência. Eles o interpelam:

**H. E.**

*Quem se aproxima da cordilheira de Mashu? Quem busca as montanhas gêmeas, passagem do Sol?*

**M. E.**

*Um homem ousado. O primeiro que vem aqui, o primeiro que põe os pés em nosso rochedo. Há grandes rios no caminho, muitas águas em tumulto. Mais adiante, além da estepe, se acha a floresta, cheia de perigos.*

**H. E.**

*Diz, viajante, como é teu nome? Qual a tua origem?*

**G.**

*Sou Gilgamesh, rei de Uruk, filho da sábia Ninsun e de Lugalbanda, o herói.*

**H. E.**

*Filho de deusa, o que te moveu a deixar teu reino? Por que teu coração te lançou nessa viagem?*

**G.**

*Eu vi morrer Enkidu, vi acabar-se meu bom amigo. Contemplei seu corpo deitado na cama dos lamentos, lavei seu rosto com minhas lágrimas. Chamei, ele não respondeu. Não pôde erguer-se. Não pôde falar. Assim será comigo. É o destino que me persegue. Chorando, vaguei pela estepe, com saudades de nós dois, com saudades de mim mesmo. Senti a morte no meu encalço. Uma grande amargura me tomou. Sofri muito vagando assim, pela vastidão da estepe, por lugares ermos, por brenhas e matas. Padeci calor e frio, senti fadiga, senti pavor. Leões me atacaram nos desfiladeiros. Tive de lutar por minha vida contra as feras furiosas. Rezei ao Senhor do rosto brilhante, o divino Sin. Ele me ajudou, Lua me ajudou. Segui caminho pelo deserto. Muitas vezes tive sede, muitas vezes tive fome. Mas prossegui assim mesmo. Agora cá estou, diante dos Guardiões da Montanha. Eu me confio aos poderosos vigias da Montanha. Contemplo seu rosto e lhes peço passagem.*

**H. E.**

*Responde, Gilgamesh, esclarece melhor o sentido de tua jornada. Com que propósito o Rei de Uruk deixou sua terra numa viagem tão perigosa?*

**G.**

*Busco meu antepassado que mora no extremo do mundo: o filho de Ubar Tutu, Utanapístim, aquele que não morre.*

O casal escorpião se entreolha e confabula:

**H. E.**

*O forasteiro venceu o pavor e contemplou nossas faces. Aproximou-se de nosso fogo, de nosso veneno. Plantou-se diante dos arcos fatais e mostrou confiança. Com certeza tem carne dos deuses.*

**M. E.**

*Sim, não há dúvida de que ele falou a verdade: nasceu de Ninsun, do herói Lugalbanda. Há de ter enfrentado muitos perigos, em paragens que homem não trilha. Agora contemplou nosso brilho e se confiou a nós. Façamos o que ele pede.*

O casal volta-se de novo para o herói:

H. E.

*Gilgamesh, nós te daremos passagem. Mas te avisamos: será difícil, será terrível a tua jornada pelo ventre da cordilheira, por um caminho que só um deus percorre, o túnel enorme que apenas Shamash atravessa.*

G.

*Estou disposto a correr os riscos. Serei sempre grato aos mestres da Montanha, a seus príncipes luminosos.*

Os outros homens escorpiões que assistiam este diálogo entre o herói e seus príncipes rodeiam Gilgamesh e o fitam com curiosidade, mas logo o conduzem até a saída do palco. Depois disso eles se dividem em dois grupos que flanqueiam o casal soberano (o casal com quem o herói dialogava). Formam assim um coro. As falas seguintes têm um sabor de antífona: o casal diz um enunciado e o coro responde. Os coreutas podem movimentar-se, dançar, fazer gestos expressivos. Abaixo, as falas correspondentes ao casal estão indicadas pela letra A, as do coro pela letra B.

A. *Gilgamesh penetrou na montanha.  
Segue um caminho tenebroso  
pela via que não se vê.  
Longa será sua jornada.*

B. *São doze etapas  
doze espaços,  
doze passagens de um tempo escuro.*

A. *No primeiro trecho,  
densa é a treva  
luz não há nenhuma;  
nada pode ver-se  
nem adiante, nem atrás.*

B. *No segundo trecho,  
no terceiro trecho,  
densa é a treva  
luz não há nenhuma:  
nada pode ver-se  
nem adiante, nem atrás.*

A. *Oh, Gilgamesh penetrou na montanha.  
Segue um caminho tenebroso  
na contracorrente do Sol,*

*antecipando-se a suas chamas,  
antecipando-se a Shamash.  
É longa a jornada, Gilgamesh.  
São doze etapas,  
doze passagens,  
doze espaços de um tempo escuro.*

- B.** *No quarto trecho,  
no quinto trecho,  
e também no sexto,  
densa é a treva,  
luz não há nenhuma.  
Nada pode ver-se  
nem adiante, nem atrás.*
- A.** *Oh, Gilgamesh, teus olhos brilhantes  
de nada te servem  
nesta profundidade.  
Tu segues às cegas  
no ventre das serras  
que escondem o sol.  
São doze etapas,  
e doze passagens,  
são doze os espaços  
de um tempo de trevas.*
- B.** *No sétimo trecho,  
no oitavo, também,  
e depois no nono,  
será sempre o mesmo:  
densa é a treva,  
luz não há nenhuma.  
Nada pode ver-se  
nem adiante, nem atrás.*
- A.** *Vai, Gilgamesh, segue teu caminho.  
Nós, Escorpiões,  
te demos passagem  
para o sofrimento.  
Que tenhas êxito.*
- B.** *Caminha, Gilgamesh.  
Segue o rumo cego.*

No décimo trecho,  
no undécimo trecho,  
densa é a treva,  
luz não há nenhuma.  
Nada pode ver-se  
nem adiante, nem atrás.

- A. São doze as passagens  
de um mundo trevoso.  
Por todo o percurso,  
filho de Ninsun,  
teus olhos brilhantes  
não te servem de nada.  
Caminha sem descanso.
- B. O herói segue cego,  
tateia no tempo.  
Na última etapa,  
no último trecho,  
densa é a treva,  
luz não há nenhuma.  
Nada pode ver-se,  
nem adiante, nem atrás.
- A/B Cego andar­á o viajante  
rumo da aurora e do seu jardim  
com as flores eternas  
e os frutos perfeitos  
que não alimentam.
- A. Como o sol,  
no caminho do sol,  
Gilgamesh entrou na montanha.
- A/B Não sabemos se vai sair.

## Ato V, Cena 2

O cenário figura uma zona de praia, que também sugere um bosque, ou um pomar, com árvores frondosas ladeando uma casa rústica, de pedra, com aparência de taberna. No começo da cena faz-se ouvir o ritmo de um leve marulho. Não longe da porta se acha uma bela mulher, Siduri, com a cabeça coberta

por um véu cujas franjas lhe caem na testa. Veste uma túnica de mangas compridas. Tem ar misterioso e imponente. Pode interpretar este papel a mesma atriz que faz Samhat (e Ishtar), com veste mais discreta e expressão enigmática. Siduri está sentada numa cadeira de pedra, junto a arbustos, e tem nas mãos um almofariz em que pila grãos. No seu colo se veem algumas folhas e espigas. A seus pés ela tem dois jarros. Derrama num deles o conteúdo do almofariz, pega uma colher e faz o gesto de quem mistura. De repente ela avista Gilgamesh que entra em cena por outro lado. Assim que o vê, a dama se levanta com expressão de espanto. Caem folhas do seu colo e ela faz menção de refugiar-se em sua casa, andando até o umbral. Mas primeiro fala:

**S.**

*Quem será esse vulto que chega de surpresa a meu bosque, à praia do esconso, a minha taverna do fim do mundo? Tem jeito rude, um ar de brutamontes. Ai de mim, na certa é um bandido, um salteador furioso com poder de demônio. Vou fechar a porta cerrando o ferrolho, vou por-lhe uma tranca bem pesada. Sim, é melhor que eu entre logo, suba a escada e me refugie no terraço.*

Siduri entra na casa e faz menção de fechar a porta. Já próximo, Gilgamesh a interpela, em tom ameaçador:

**G.**

*Não fujas, mulher! Não sou bandido nem demônio. Sou o rei de Uruk, Gilgamesh, fruto de Ninsun. Sou o herói que venceu Humbaba e dominou o touro do céu com ajuda do bravo Enkidu. No mundo inteiro cantam nossas façanhas. Não me trates como um salteador. Não cerres a porta, não corras o ferrolho. Sou um rei que todos acolhem. Fica sabendo, Taberneira: se fechas a tua taverna, eu prometo que arrombo a porta, destroço tranca e ferrolho. Sou Gilgamesh, não sou bandido.*

Siduri se detém no umbral, hesita um pouco, mas logo abre a porta toda, avança um passo e interpela o herói:

**Si.**

*Se quem me fala é Gilgamesh, Rei de Uruk, filho do célebre Lugalbanda, fruto do ventre de Ninsun, se é mesmo o grande homem que com ajuda de Enkidu venceu Humbaba e deteve a besta ferosa, o touro do céu, se é o bravo que penetrou com Enkidu na floresta dos cedros, se é o herói que todos festejam, que os poetas cantam pelo mundo afora, então, viajante, por que tua figura se mostra assim como vejo, por que estás murcho e desolado, com um olhar vazio, um gesto amargo? Se és um rei, por que anda serrante, feito um vagabundo sem eira nem beira, padecendo frio e calor, vestido com a pele de bestas feras? Por que escondes a cabeça com a cara medonha de um leão? Se és um rei, por que andas sozinho por plagas desertas, maltrapilho, com expressão de atormentado?*

**G.**

*Ai, mulher! Como eu poderia estar sereno, com brilho nos olhos? Que alegria posso ter? Meu amigo morreu. Por que não estaria amargo o meu rosto? Como não ficar desolado, com o luto e o nojo no coração? Cheio de desgosto, que elegância posso ter, que majestade? Com o desespero entranhado no corpo, que fazer, senão sair feito louco pelo mundo, sofrendo frio e calor, chuva e intempérie? Enkidu, meu belo amigo, cavalo solto, pantera da estepe, o companheiro com quem enfrentei tantas provações, tornou-se em barro. O bravo que me acompanhava, com quem enfrentei os maiores perigos, com quem cacei leões implacáveis, o grande Enkidu jaz morto. O destino dos homens o derrubou, a morte o derrubou. Por sete dias eu o chorei, debruçado sobre seu corpo. Só o entreguei para o funeral depois que um verme caiu de seu nariz.*

**Si.**

*Cessa teu luto, Gilgamesh. Há muito Enkidu tombou, há muito foi sepultado. O morto não volta. Este é o destino dos homens.*

**G.**

*Sim, Taberneira, este é o destino dos homens. Eu o entendi muito bem. Foi isso mesmo que pensei, quando vi meu amigo estirado no leito, inerte: em breve eu mesmo vou ficar como Enkidu. Serei um cadáver. Percebi, então, que a morte me acossa, está no meu encalço desde a hora em que nasci. Ela me repugna. Eu quero a vida sem morte.*

**Si.**

*Ah, Gilgamesh, isso não pode ser. Os homens falecem, é seu destino. Quando os deuses criaram o mundo, reservaram para si a vida perene e para os homens decretaram a morte, a vida mortal.*

**G.**

*Não é justo. Eu não me resigno. Repudio, rejeito a morte.*

**Si.**

*Não adianta, Gilgamesh. Ela é infalível. Não há como fugir-lhe.*

**G.**

*Devo sentar-me à beira da tumba, e esperar pelo fim?*

**Si.**

*Desfruta a vida, Gilgamesh. Come do bom e melhor, saboreia a comida fina, o alimento que dá força. Bebe a cerveja que é rica de alegria, bebe o vinho que canta. Dança, Gilgamesh, faz da vida uma festa. Prova as delícias do dia e da noite. Goza o amor da tua esposa, o encanto de sua carne, o carinho que ela*

*oferece. Brinca com os filhos que brotam do amor. Desfruta a música, Gilgamesh, contempla a beleza. Banha o corpo, veste os trajes da elegância, a roupa de majestade, aspira o perfume. Desfruta a glória, grande rei, a fama que tens. Procura as delícias, desfruta o bem a teu alcance. É o que cabe aos homens.*

**G.**

*Mas nada disso dura muito. Tudo acaba.*

**Si.**

*Sim, tudo acaba. Quando se viu permanência no mundo? O céu muda, o tempo corre. Nenhuma casa é perpétua, reino algum subsiste para sempre. É assim a vida. As flores murcham. O forte enfraquece, o quente arrefece. O que nasce morre.*

**G.**

*Ai, Siduri, não sinto gosto na vida breve. É uma neblina que o vento dissipa.*

Siduri se aproxima, fita Gilgamesh com atenção, fica em silêncio por um instante, depois lhe fala, persuasiva:

**S.**

*O cansaço esmaga, derruba até mesmo um rei. A fadiga gera angústia, a privação produz desânimo. Gilgamesh, aqui tens um pouso. O Rei de Uruk é bem-vindo a minha morada. Eu sou Siduri, dona da taverna onde faço bebida deliciosa. Repousa aqui, Rei de Uruk. Descansa da rude viagem.*

Gilgamesh sorri e meneia a cabeça lentamente, depois replica:

**G.**

*O Rei de Uruk agradece. O vagabundo agradece. Mas vou ficar onde estou. Descansarei nesta cadeira de pedra, se me permites.*

**S.**

*Fica à vontade. Já lhe trago pão e cerveja.*

Gilgamesh se senta e Siduri entra na taverna. Ouve-se de novo o marulho longínquo. Em pouco Siduri retorna com pão e cerveja. Gilgamesh come e bebe em silêncio. Siduri volta a mexer no jarro com sua colher. Um pássaro canta. Quando acaba de comer, o herói se volta de novo para a dona da taverna e lhe fala:

**G.**

*Bendita seja Siduri, a Taberneira que vive sozinha neste fim de mundo. Há muito que eu não sentia o gosto do pão, o sabor da cerveja.*

Siduri sorri e replica com ar misterioso:

**S.**

*Sim, o pão alimenta. A cerveja é um encanto que faço.*

**G.**

*Mais uma vez eu agradeço. Mas tenho ainda um pedido a fazer-lhe.*

**S.**

*Que quer de mim o Rei de Uruk?*

**G.**

*Siduri, agora que vi teu rosto, comi do teu pão, bebi a cerveja preparada por tuas mãos, já não sou estranho. Estamos ligados, Siduri. Exaltarei teu nome em Uruk e por onde quer que eu passe. Estou grato, sou reconhecido. A bela Taberneira que me acolheu no fim do mundo não sairá da minha lembrança. Espero que Siduri também não se esqueça de mim.*

**S.**

*Não te esquecerei, Gilgamesh.*

**G.**

*Siduri, escuta meu pedido.*

**S.**

*Sim, estou ouvindo. O Rei de Uruk é meu hóspede. O que me pede meu hóspede?*

**G.**

*Um sinal. Uma indicação. A pista que leva a Utanapíshtim, meu antepassado, aquele que não morre. Quero ir a seu encontro.*

**S.**

*Ai, Gilgamesh, não há caminho. Não há trilha no mar imenso, que somente Shamash atravessa. Desiste, Rei de Uruk.*

**G.**

*Eu fiz o caminho de Shamash na cordilheira, no seio escuro da serra, no ventre de Mashu. Passei pelo bosque intocável, pelo Dilmun.*

**S.**

*Que viste no Dilmun?*

G.

*Plantas de pedra, árvores que resplandecem. Cedros de mármore. A cornalina carregada de frutos. Pomos de ouro, folhagem de lápis lazuli. Frutos de safira, brotos de ametista. Nada de comer. Guardei seu brilho nos meus olhos, mas tive fome.*

S.

*Assim é o paraíso, o bosque dos deuses é assim.*

G.

*Hoje comi do teu pão. Bebi a cerveja preparada por tuas mãos. A bela Siduri me alimentou. Há muito que minha boca só sente o gosto da caça que eu mato, da água que sorvo na fonte como um animal selvagem. Há tempo não provo trigo nem cevada, segundo o costume dos homens. Gilgamesh é agora para Siduri como uma criança que a mãe leva ao seio. Guia meus passos, Siduri. Ensina-me o caminho para Utanapíshtim, meu antepassado.*

S.

*Gilgamesh, escuta: darei a indicação que me pedes, mas previno que o trajeto envolve risco medonho. Segue agora pela praia deserta, ao longo do mar amargo. A jornada será longa. Beira da floresta onde aparece o povo de pedra, costuma achar-se Urshanabe, o barqueiro, servidor de Utanapíshtim. Ele é o único que pode fazer a travessia, passando ileso pelas Águas da Morte. O único, digo, além das criaturas de pedra, que podem te atacar.*

G.

*Eu te agradeço, Siduri. Para sempre te celebrarei.*

Gilgamesh levanta-se, cumprimenta Siduri com uma leve reverência e recomeça sua caminhada.

## Ato V, Cena 3

Na entrada de uma grande casa veem-se Utanapíshtim e sua esposa. O patriarca olha para a frente, como quem tenta avistar algo muito longe. A esposa o interroga e quando o marido responde ela também se põe a fitar a distância.

ESP.

*Que estás a olhar, Utanapíshtim?*

UT.

*Vem vindo alguém que não conheço.*

**ESP.**

*Vejo ao longe Urshanabe. Há um homem com ele, sim. Talvez um servo da casa.*

**UT.**

*Não, mulher. Não é dos nossos.*

**ESP.**

*Quem poderia ser? Ninguém mais vem aqui.*

Urshanabe e Gilgamesh entram em cena. A esposa de Utanapíshtim se retira. Gilgamesh se detém a olhar o patriarca, fascinado. Urshanabe se adianta e se prostra diante de Utanapíshtim, a quem Gilgamesh faz uma reverência. O patriarca interroga o barqueiro:

**UT.**

*Quem te acompanha, Urshanabe? Como pode um estranho viajar em teu barco? Isso jamais aconteceu.*

**UR.**

*Senhor, também estou surpreso. Não foi por querer que eu trouxe este homem, ele se impôs. Surpreendeu-me na floresta, do outro lado. É um guerreiro, um homem terrível, com a força de um deus. Atacou o povo de pedra, derrubou muitos, deixou imóveis as rudes criaturas, destruiu um bando. Em seguida ele me atacou: golpeou minha cabeça, imobilizou-me. Soltou-me depois que prometi trazê-lo a tua presença. Eu bem protestei, mostrei-lhe os riscos. Falei assim:*

[Urshanabe volta-se para Gilgamesh, “encenando” a situação que descreve]: *“É uma travessia perigosa e já não conto com as criaturas de pedra. Para ir aonde mora Utanapíshtim, a gente tem que passar pelas Águas de Morte. Não existe outro caminho. Se uma só gota dessas águas terríveis atinge teu corpo, tua vida se acaba.”*

[Gilgamesh sorri. Urshanabe volta-se de novo para Utanapíshtim]:

*... Mas ele não hesitou, nem por um momento. Penetrou na floresta e voltou de lá com feixes de varas rijas, bem longas, que levamos no barco. Na passagem das Águas da Morte, o teimoso impelia o barco empurrando as varas, uma a uma. Assim chegamos a tua praia.*

**UT.**

*Urshanabe, meu navegante, nem sequer sabes quem é este homem?*

**UR.**

*Sim. Eu indaguei e ele me respondeu...*

[Gilgamesh toma a palavra]:

**G.**

*Sou Gilgamesh, Rei de Uruk, fruto do ventre de Ninsun, filho dileto de Lugalbanda.  
Procedo de Utanapíshtim.*

Utanapíshtim e Urshanabe se entreolham em silêncio, depois falam alternadamente, mas de vez em quando juntam suas vozes, questionando Gilgamesh, enquanto o rodeiam:

**UR.**

*Homem, responde: se és quem dizes,*

**UT.**

*Rei de Uruk, Senhor de Kulab,*

**UR.**

*Fruto de Ninsun,*

**UT.**

*Com sangue dos deuses no corpo,*

**UR.**

*Se és Gilgamesh, um soberano,*

**UT.**

*Da cepa de Utanapíshtim,*

**UR.**

*Por que é amargo teu semblante ?*

**UT.**

*Por que a tristeza oprime teu ventre?*

**UR.**

*Por que mostras tanto desgosto?*

**UT.**

*Teu rosto é curtido,*

**UR.**

*... como o de um homem sem pouso...*

**UT.**

*... um vagabundo, um banido,*

**UR.**

*... alguém que tocaram de muito longe.*

**G.**

*Oh Urshanabe, oh Utanapíshtim, pudera meu coração não estar angustiado! Aflição invadiu minhas veias: como eu poderia evitar? Como impedir que a tristeza penetrasse no meu ventre? Como não ter a face murcha, o semblante amargo, o rosto curtido por frio e calor, a aparência de um vagabundo, o ar de quem vem fugido de longe? Meu amado Enkidu - cavalo solto, onagro do monte, pantera da estepe -, o amigo com quem passei por tribulações, nós que escalamos a montanha, entramos no bosque dos cedros e derrotamos Humbaba, nós que juntos dominamos o touro do céu e o matamos, que é feito de nós? Já não podemos encontrar-nos, nunca mais. Meu amigo finou-se, foi aniquilado pelo destino dos homens. Por seis dias e sete noites eu o chorei; não o deixei sepultar até que vermes caíram de seu nariz. Então me possuiu o terror: senti a morte no meu encalço. Vi bem que ficarei como Enkidu. Apavorado, saí a vaguear pela estepe. Enquanto eu errava no desespero da estepe, uma luz de lembrança me veio: decidi procurar Utanapíshtim. Atravessei rios e mares, passei por diversos países, fiz-me um vagabundo em terra estrangeira. No deserto e na montanha, na floresta e na savana me expus a grandes perigos. Lutei com leões, matei hienas e leopardos. Me bati com ursos e lobos. Muitas vezes perdi o sono. Vesti a pele das feras. Finalmente cruzei o mar, ultrapassei as Águas da Morte. Agora estou aqui e contemplo teu rosto, Utanapíshtim. Meus olhos percorrem teu corpo imortal e nada vejo de estranho, nada diferente de mim. O patriarca perene é um homem como eu. É meu semelhante. Por que tenho de morrer?*

**UT.**

*Filho de Ninsun, em tua natureza o humano e o divino estão misturados. Vejo que o rebento de Lugalbanda recebeu muitos dons. Os deuses cuidam de ti com apreço de pai, desvelo de mãe. Sempre te protegem, livram-te do perigo. Eles te deram um trono. Por que tanta amargura, Gilgamesh? Por que castigar assim o corpo, com privação e vexame? É insensatez entregar-se à melancolia. O insensato se desmerece. Quem perde o juízo acaba destrutado, só come restos, a raspa do tacho: por cinto ganha uma corda, veste andrajos. Por que o Rei de Uruk assume esta triste figura? Que te rendeu a fadiga? O sono perdido, que te aproveitou? Toma juízo, Gilgamesh.*

**G.**

*Diante da morte, de que me servirá o juízo?*

**UT.**

*O medo que te possui é servo da morte. Teu pavor faz tua agonia. De nada aproveita voltar a atenção para o fim que não se enxerga. A morte é invisível, Gilgamesh, ninguém jamais lhe viu a cara. Sua voz não se escuta. Mesmo assim ela quebra os homens como quem tala caniços. Foi o que os deuses determinaram. Olha bem para o mundo que te cerca, o mundo dos homens: onde se acha permanência? Que casa é inabalável, que reino dura para sempre? Que acerto não se desfaz, que liga não se rompe? À cheia sucede a vazante, à vazante sucede a cheia. Mal vê o sol, morre a libélula. Assim se passa com os homens.*

**G.**

*Mas Utanapíshtim é imortal. Este homem que me fala não conhece a morte. Por que não posso escapar da morte, como meu antepassado?*

**UT.**

*Sou um capricho dos deuses. Uma exceção. Sou fruto de uma história que não se repetirá.*

A esposa de Utanapíshtim volta à cena e interrompe esse diálogo, dirigindo-se ao marido.

**ESP.**

*Chegou a nossa casa um homem que veio de longe, cansado e faminto. É nosso hóspede. Não é justo deixar um hóspede ao relento. Que ele entre e repouse, coma do nosso pão e sacie sua sede. Respeitemos os deuses.*

## **Ato V, Cena 4**

Há dois planos no cenário. O superior a princípio se acha encoberto por uma cortina. Utanapíshtim, sua esposa e Gilgamesh estão sentados a uma mesa onde se veem alimentos (frutas, pão, queijo e uma jarra de vinho), mas também a miniatura de um barco. A matriarca está no centro, entre o esposo e o hóspede, que se encaram, cada qual num extremo da mesa. Gilgamesh toma a palavra:

**G.**

*Agradeço a acolhida, o alimento que me saciou, a água e o vinho. Agora peço a meu hospedeiro que me conte sua história.*

**UT.**

*Eu vivia em Shuripak, à beira do Eufrates, quando os grandes deuses se reuniram numa assembleia de segredos e tomaram a decisão de promover o dilú-*

vio. Ao lado de Anu, nosso Pai do Céu, estavam o bravo Enlil, o poderoso Ninurta e Enuge, o Irrigador. Com eles também se achava Ea, meu patrono. Os deuses prestaram juramento de nada dizer aos homens. Ea também jurou. Mas falou à cerca de caniço, à fraca parede que protegia meu sono:

[Utanapíshtim se levanta, caminha de olhos fechados, com ar de sonâmbulo, aproxima-se da parede e move os lábios à maneira de quem faz dublagem; percebe-se que a voz vem de longe, do outro lado do muro (de uma gravação)]:

*Escuta, cerca! Ouve bem, caniço! Parede, reflète! Que o homem de Shuripak, o filho de Ubar-Tutu, abandone a casa e construa um barco, deixe a riqueza e escolha a vida. Que o shuripakeu renuncie aos bens do mundo, sim, e garanta a vida! É preciso que leve no coração do barco sementes de todas os seres vivos.*

[Em seguida Utanapíshtim torna a sentar-se à mesa, volta-se para Gilgamesh e fala claro, com sua voz normal]:

**UT.**

*Estremeci. A voz continuou, entrando com força no meu sono, e me ensinou como fazer a arca. Ditou as medidas com precisão.*

[Utanapíshtim toma nas mãos a miniatura do barco e a levanta, depois a entrega a seu hóspede, que a contempla atentamente e em seguida a depõe de novo na mesa, com muito cuidado. Após uma breve pausa, o patriarca prossegue]:

**UT.**

*Gravei na mente todas as instruções: o plano do barco, o imenso tamanho que havia de ter; o teto soberbo que nem o Apsu, imagem do profundo; a enorme amplitude; o comprimento, a altura, a proporção. Fiquei atento, segui atento.*

[Utanapíshtim fecha os olhos, e protege o ouvido com a mão, como quem se esforça para escutar; depois faz com os lábios a mímica de ventríloquo e a Voz “da parede” ressoa de novo, enquanto os lábios do patriarca se movem]:

**VOZ DE EA.**

*Ouvistes, parede? Entendes, caniço? Salva tua vida, constrói a arca!*

[Em seguida o patriarca “responde” à parede, ainda de olhos fechados]:

**UT.**

*Entendi, meu senhor. Farei o que me ordenas. Mas que direi ao povo, à cidade, aos anciãos do conselho?*

**VOZ DE EA.**

*Filho de Ubar Tutu, diz a todos o seguinte:*

[De olhos fechados, Utanapíshtim faz que escuta, depois se ergue e fala, dirigindo-se à plateia]:

**UT.**

*Ai, minha gente, eu tive um sonho, um aviso do céu. Fiquei sabendo que o bravo Enlil está aborrecido comigo. Não posso mais viver aqui, na terra de Enlil. Vou-me embora. Preciso de um barco bem grande para navegar até longe. Vou abrigar-me no Apsu, junto a Ea, meu protetor. É meu destino. Mas sobre vocês Enlil derramará a abundância: aves e peixes em profusão. Fará chover-lhes a fartura das ricas colheitas: manhãs de pão, noites de trigo.*

Utanapíshtim faz uma pausa e volta a sentar-se à mesa diante de Gilgamesh.

**UT.**

*No dia seguinte, ao primeiro raiar da aurora, reuniu-se o povo à minha volta. Vieram carpinteiros, marceneiros, artífices com cestos e instrumentos, moços carregando madeira, velhos com rolos de corda, a arraia miúda com baldes de betume, os ricos com vários materiais. Comecei o trabalho. No quinto dia completei a estrutura do barco. Dei-lhe o formato que convinha, que me foi ensinado: sete convés, em cada um nove compartimentos. Distribuí as cavilhas. Os carregadores trouxeram betume, asfalto e pixe para a calafetagem. Muito azeite me foi trazido; uma parte dei ao piloto, uma parte gastou-se na obra. Bois e ovelhas imolei para o repasto dos trabalhadores. Dei-lhes a beber rios de cerveja, vinho branco e vinho rubro, de modo que eles festejaram como em dia santo, como em dia de Ano Novo.*

Utanapíshtim fecha os olhos, faz uma pausa, suspira e depois continua:

**UT.**

*No sétimo dia, o barco estava pronto. Cuidei do lastro, com muitos troncos. Quando tudo acabou, fiz levar para dentro da embarcação a prata que pude, o ouro que pude. Ajuntei-lhe sementes de toda espécie de vida. Rebanhos, manadas da estepe, a minha família, meu clã e o de minha esposa, os trabalhadores e seus filhos, chamei todos para dentro da arca. Meu palácio dei a Puzur Amurri, que fizera a calafetagem. No fim do dia, quando Shamash se recolheu, tive o sinal: céu enfarruscado, nuvens emboladas, chuva com cerração que nem farinha de trigo. Entrei. E tranquei a porta. Do alto, estudei o tempo: era horrível de ver.*

Utanapíshtim caminha para o centro do palco e faz que olha para muito longe. Sua mulher o acompanha. Sons de tempestade. Luzes que imitam relâmpagos.

*Horror. No horizonte, surge uma nuvem escura. Dentro dela Hadad ruge, com seu ribombo. Shulat e Hanish, terríveis arautos, o precedem por monte e vale, repicando com seu tambor, alumando com seus lampejos. Nergal vem e arromba os diques, Ninurta rompe as represas. Os Anunaki erguem suas tochas e incendiam a terra.*

Nova Pausa. O patriarca suspira e continua:

*Derramou-se depois o silêncio. O pavoroso silêncio que brota da tempestade. Ainda escuto, ainda sinto. Chega aos céus a consternação: o deus terrível tornou em treva o que era luz. A terra foi partida como um pote, como um jarro que se racha.*

Utanapístim e sua esposa voltam a sentar-se. O patriarca leva as mãos à cabeça, mostra no rosto o sofrimento que a lembrança lhe traz. Sua mulher geme, com expressão dolorosa.

**UT.**

*Por todo o dia soprou o furacão que desatava o dilúvio, ceifando os homens como um exército furioso, um batalhão encarniçado na sanha da guerra. Já irmão não encontra irmão, amigo não acha amigo. Já não se enxerga ninguém no mundo.*

Pausa. Utanapístim se levanta de novo, estuda a plateia como quem procura sinal de vida; em seguida torna a sentar-se e fala a Gilgamesh:

**UT.**

*Sim, foi terrível. Os deuses tremiam de pavor. Em bando, subiram ao céu de Anu e se encolheram como cães na barra do horizonte. Um quadro de lamentação. Os deuses do alto ganiam encostados no muro celeste. A grande deusa gritava feito mulher em trabalho de parto. A Rainha do Céu, a Mãe Santíssima, soluçava desesperada.*

Ouvem-se gemidos. Descerra-se a cortina do plano superior e projeta-se numa tela a figura da deusa Ninmah, transtornada, com lágrimas nos olhos. A imagem é “dublada” pela esposa de Utanapístim, que fala de olhos fechados, como em transe, com uma voz diferente da sua.

**NINMAH.**

*Quisera barrar o dia ruim, quisera que ele voltasse ao barro. Seja banido de meu coração, seja arrancado de minha lembrança o dia em que invoquei o mal, o dia em que pronunciei palavras escuras na assembleia dos deuses. Terá minha boca deixado passar a maldição? Terá saído de meus lábios uma senten-*

*ça funesta? Não é possível. Não é razoável. Como pude querer a destruição do meu povo, o fim de gente a que dei vida? Como a ova dos peixes, eles enchem o mar!*

Ouvem-se gemidos que parecem vir de todos os lados. A imagem da deusa desaparece. Fecha-se a cortina. A matriarca cerra os lábios e se mantém de olhos fechados. Utanapíshtim continua, dirigindo-se a Gilgamesh:

**UT.**

*Somente no sétimo dia o furacão se deteve. Cessou a chuva, a tempestade amainou. Reparei no tempo: sobreveio uma calma pesada. O vento furioso calou-se. Floresta e savana eram que nem um terraço vazio, uma campã, um sem fim de terra arrasada. No lodo, cresceu o silêncio. Todos os homens tinha retornado ao barro. Abri uma escotilha e a brisa tocou em minha face. A luz lavou o meu rosto. Eu me pus de joelhos, dobrando o corpo, e chorei amargamente. Quando me refiz, voltei de novo os olhos para o largo, buscando terra firme. Divisei ao longe uma ilha. A arca seguiu flutuando rumo a essa ilha. Por fim o monte Nizir a deteve. Durante sete dias a arca ficou imóvel, encalhada no monte.*

Pausa. Sempre de olhos fechados, a esposa de Utanapíshtim faz com as mãos gestos “sonambúlicos” que “descrevem” as cenas evocadas pelo marido na fala seguinte: sugere o voo das aves que ele menciona e a dispersão dos animais saídos da arca.

**UT.**

*No sétimo dia soltei uma pomba. A pomba saiu a voar, mas voltou. Não encontrou um pouso lá fora. Mais tarde soltei uma andorinha. A andorinha voou, voou, mas logo retornou. Tampouco achou onde pousar. Por último, soltei um corvo. Ele voou, crocitou, viu que havia terra seca, ciscou o chão, depois sumiu e não voltou mais. Deixei, então, que saíssem da arca os viventes embarcados comigo. Eles se espalharam aos quatro ventos.*

Nova pausa. Depois de alguns segundos Utanapíshtim retoma a palavra e a matriarca continua a mimar com gestos o que ele diz:

**UT.**

*No cume da montanha ergui um altar, com sete mais sete vasos de eleição. E celebrei um sacrifício. Quando subiu aos céus o aroma do sacrifício, os deuses vieram. Voavam que nem moscas em torno da ara, em volta do sacrificador. Mais tarde, acima de todos, divisei o Pai Anu, A Mãe Santíssima e Ea, meu protetor. Encolhi-me num canto com minha mulher.*

Utanapíshtim e sua esposa deixam a mesa e se retiram, mas no que se abre a

cortina no plano superior eles aparecem lá, prostrados a um canto. No centro do palco, no mesmo plano, veem-se Anu, Ninmah e Ea. Ninmah mostra o grande colar de contas azuis em seu peito, toca nele e o levanta com as mãos, enquanto fala:

**N.**

*Por estas contas de lápis lazúli, por estas pérolas sagradas que me deu o Céu, por este dom de meu esposo, por este brinde de minhas bodas, hei de lembrar-me sempre deste dia amargo. Que eu nunca o esqueça no correr do tempo, na passagem das eras! Venham agora todos os deuses receber as oferendas, mas não Enlil. Foi ele que perdeu a razão, foi ele que promoveu o dilúvio.*

Ouve-se um burburinho que simula as vozes descontraídas dos deuses invisíveis ao público. Faz-se um silêncio súbito e entram juntos Enlil e Ninurta. A deusa Ninmah protesta:

**NINMAH**

*Que vem fazer aqui Enlil?*

O deus Enlil olha para o canto onde se acham prostrados Utanapístim e sua esposa e fala com irritação:

**ENLIL**

*Escapou gente viva? Como é possível? Não era para sobrar ninguém, homem algum.*

**NINURTA**

*Foi arte de Ea, com certeza. Ea é manhoso. Ele deu um jeito de salvar seu devoto.*

Enlil volta-se para Ea, que permanece impassível e protesta:

**ENLIL**

*Não era para sobrar alma viva. Estou cansado dessa gente ruim, da raça destruidora que não tem respeito pela terra, que espalha sua imundície nas águas, envenena os campos, de tudo abusa. Sua sanha não poupa as florestas, sua ganância descontrolada não tem limites. Eles não conhecem misericórdia. Tornam-se feras quando a ambição infla seu peito: massacram-se uns aos outros e se enchem de glória estúpida com a matança, a chacina, a tortura. Estou cansado de seus reis ridículos, de seus governantes inchados de soberba, sequeiosos de um poder fútil que não dura nada. Estou cheio de seus juizes sem vergonha, de seus pregadores de ódio, de suas mentiras deslavadas. Já não tolero sua hipocrisia, seu egoísmo, sua perfídia. Quando eles invocam o divino,*

*pode-se esperar o pior, pois usam o nome de deus como desculpa para os crimes mais hediondos. Sua maldade me dá nojo, sua injustiça me horroriza. Por que, Ea, poupar esta gente horrível, esta espécie criminosa? Porque o sábio Ea quebrou o juramento e lhes fez prever o dilúvio?*

**EA.**

*Bravo Enlil, tem paciência, não são todos assim. Teu castigo igualou justos e injustos, pecadores e inocentes. Já que os homens te desgostaram, podias mandar-lhes outro vexame: uma peste que os dizimasse, feras que reduzissem seu número, algum flagelo que os abatesse. Não o dilúvio, não o extermínio. O homem e a mulher que tu vês aqui têm as mãos limpas. Não praticaram jamais a injustiça que te horroriza. Agora mesmo eles nos fizeram esta oferenda piedosa. Escuta, Enlil: eles não oprimiram a terra, não cometeram iniquidade, nem fizeram arder a floresta. Sonda seus corações, deus justo. Eles não foram soberbos, nem cruéis, nem gananciosos. Agiram com honra e tiveram misericórdia. Bravo Enli, não me censure. Eu não quebrei o juramento. Nada disse a estas criaturas. Falei com a parede e Utanapíshtim escutou. Teve um sonho de salvação. Agora ele e sua mulher estão aqui em tua presença, diante de Anu e de Ninmah, sem causar-lhes desgosto. Sonda seus corações, deus justo.*

O deus Enlil se detém, cofia a barba, faz sinal de aquiescência e chama com um gesto o casal prostrado. Utanapíshtim e a mulher se ajoelham diante de Enlil que os abençoa:

**ENLIL**

*Sim, seu coração é puro. No seu peito encontrei justiça, vi inocência e misericórdia. Vou recompensá-los, vou dar-lhes a vida eterna. Mas exijo que fiquem longe dos outros, dos efêmeros, num lugar reservado, bem longe dos grandes rios, mais além das montanhas gêmeas, fora do alcance dos efêmeros.*

Ditas essas palavras, Enlil coloca as mãos sobre a cabeça de Utanapíshtim e de sua mulher. Anu, Ea, Ninmah e Ninurta erguem as mãos, também abençoando. Em seguida os grandes deuses se retiram. Utanapíshtim e sua mulher vão ao encontro de Gilgamesh.

**UT.**

*Vê Gilgamesh, esse dia foi único, esse tempo não se repete. Não houve nem haverá jamais outra ocasião como esta. Quem por tua causa iria reunir de novo os grandes deuses?*

**G.**

*Eu não sou como os outros homens, eu tenho carne dos deuses. Intercede por mim, Utanapíshtim. Ea te ouvirá, os grandes deuses te ouvirão.*

**UT.**

*Não intercederei sem motivo. Se Gilgamesh não é como os outros homens, que o prove primeiro.*

**G.**

*Estou disposto a tudo. Submeto-me à prova.*

A esposa de Utanapíshtim faz um sinal e servos entram em cena. Retiram a mesa, colocam uma cadeira alta no centro do palco. Utanapíshtim diz:

**UT.**

*Senta-te nesta cadeira, Gilgamesh. Vigia. Não durmas.*

Entram dois homens embuçados trazendo uma cortina que colocam em volta de Gilgamesh, encobrindo-o até a altura do peito, mas deixando sua cabeça visível. Os homens circundam Gilgamesh com a cortina, formando uma espécie de biombo. Depois que os mascarados se retiram, um jogo de luzes muda o colorido da cortina-biombo. Um mecanismo simples pode fazê-la girar, ao som de música lenta. Alternância de claridade e escuridão sugere a passagem do tempo. Depois de um giro, Gilgamesh fecha os olhos. Os mascarados voltam trazendo a cada giro um banco, em que depositam uma bandeja com um pão, até que se veem sete pães à volta da cortina. Então o palco volta a iluminar-se por inteiro. Os mascarados retiram o biombo, mas deixam os pães. Entram em cena Utanapíshtim e sua esposa.

**UT.**

*Acorda, Gilgamesh.*

**G.**

*Oh, Utanapíshtim, eu cochilei. Mal fechei os olhos e tu viestes me chamar.*

**UT.**

*Gilgamesh, vê os pães que depositamos a tua volta, as refeições que preparamos para teu conforto. Só um deles está fresco e bom de comer. Tu dormistes profundamente, Gilgamesh. Teu sono durou sete dias.*

**G.**

*Ai de mim, Utanapíshtim! Que farei, para onde irei? O saqueador enleou meus membros, o sono enleou meus membros. Como fugir? Em todo o canto a morte me espreita. Onde quer que eu me abrigue, ela me encontra; por onde passo, ela está de tocaia.*

Gilgamesh se ergue desolado. Utanapíshtim bate palmas e um servidor se aproxima. Ele então ordena:

**UT.**

*Homem, procura Urshanabe. Que ele venha a minha presença.*

O servidor sai. A esposa de Utanapíshtim diz a Gilgamesh.

**ESP.**

*O sono também conforta, o sono dá forças.*

Gilgamesh balança a cabeça, desolado. Entra Urshanabe. Utnapíshtim fala:

**UT.**

*Urshanabe me trouxe de longe este homem desgredado, sujo e faminto, vestido com peles de animais. E o deixou assim. Não é justo. O mar não recebe com alegria quem age dessa maneira. O mar se indigna com o mesquinho. Leva este homem a uma fonte para que se banhe em água pura, desembarace os cabelos, vista um bom traje, mostre sua beleza. Que ele não volte desfigurado a sua terra, mas limpo e bem vestido, com toda a decência.*

**UR.**

*Assim será.*

A esposa de Utanapíshtim se volta para o marido e lhe diz:

**ESP.**

*Marido, este homem veio de longe, labutando e penando. Chegou a nossa casa, nós o recebemos. É nosso hóspede. Não é justo que parta de mãos vazias. Não se despede assim um hóspede. Que presente lhe daremos?*

Utanapíshtim cofia a barba, faz sinal de aquiescência e responde:

**UT.**

*Darei um segredo. Sim, um segredo dos deuses. Gilgamesh, teu brinde é uma planta que se acha no fundo das águas, num canal a que Urshanabe te levará. Tem espinhos essa planta, é bela e viçosa. Quem come de suas folhas tem a vida renovada. Mas é preciso mergulhar muito fundo para encontrá-la. É preciso coragem.*

Gilgamesh bate palmas, cheio de alegria, faz uma reverência a Utanapíshtim, beija as mãos de sua esposa, agradece e se despede:

**G.**

*Senhor, Senhora, é infinita minha gratidão. Guardarei para sempre a lembrança de quem me devolveu a alegria. Vamos, Urshanabe, quero logo colher a planta que Utanapíshtim me indicou, que meus antepassados me presentearam.*

**UR.**

*Primeiro eu te levarei ao banho, e te darei roupas novas, um traje de realeza. Depois nós viajaremos.*

Cai o pano.

## Ato V, Cena 5

No centro do palco, no plano superior, está colocada uma estrutura semelhante a um poço, cuja superfície vem a ser um disco semelhante ao apresentado no prólogo como “a memória de Gilgamesh”. O disco raiado contém inscrições em cuneiforme. Atrás do poço e de frente para a plateia encontram-se Siduri e o Poeta, este seminu e tatuado como no Prólogo. À direita e à esquerda acham-se o Homem Escorpião (H.E.) e sua Mulher (M-E). A ação principia quando a Taberneira deixa de lado sua jarra, olha para o disco que o poeta lhe mostra. O disco se move lentamente ao ser tocado pelas mãos do poeta:

**S.**

*Sim, estou vendo: Gilgamesh transpôs as Águas da Morte e encontrou seu antepassado. Atrahasis, o sábio supremo, deu-lhe um presente magnífico. O rei de Uruk se encheu de alegria.*

**P.**

*Vejam aqui como ele está mudado.*

**S.**

*É verdade. Urshanabe o fez banhar-se numa fonte pura e lhe deu trajes novos. Gilgamesh Já não se cobre com peles grotescas. Vê-se a beleza de seu corpo. Seus trajes são dignos de um rei. Ele marcha alegremente.*

Os Escorpiões olham para o disco, mostrando muita atenção.

**M-E.**

*Vejam, Gilgamesh e Urshanabe chegam a um poço.*

**H-E.**

*É um canal. Um braço de mar.*

**M-E.**

*Um poço profundo.*

**S.**

*Sim, eu percebo. O rei se despiu.*

H-E.

*Atou pedras a seus pés*

M-E.

*E mergulhou na profundez.*

H-E.

*Afundou num tempo imenso.*

M-E.

*Será que retorna?*

H-E.

*Ah, com certeza foi muito longe.*

S.

*Tenho medo de que não volte.*

H-E.

*Parece que nunca retornará.*

M-E.

*Mas agora emerge.*

H-E.

*Chegou à tona, que nem um naufrago.*

S.

*Trouxe o presente magnífico.*

M-E.

*A planta viçosa, rica de força.*

H-E.

*A erva que aviventa.*

M-E.

*A erva que faz pulsar o coração com um ritmo novo.*

S.

*Sim, a planta de juventude.*

P.

*Quem a come se remoça.*

H-E./M-E.

*Quem a come floresce de novo.*

S.

*Gilgamesh é feliz, é venturoso.*

M-E.

*Encontrou a flor que os deuses escondem.*

H-E.

*E se feriu com seus espinhos.*

M-E.

*Mas ficou contente.*

H-E.

*Muito contente.*

S. (olhando para o bloco)

*Ele deixou no fundo as pedras, as cordas que atavam seus pés. Trouxe a planta divina.*

M-E.

*As águas profundas o remoçaram.*

H-E.

*Quem nelas se banha logo se renova.*

M-E.

*Mas no Apsu das águas primeiras a gente só pode banhar-se uma vez.*

H-E.

*Quem volta, fica no abismo.*

M-E.

*Quem mergulha de novo, morre.*

H-E.

*Sucumbe na mesma hora.*

H-E./M-E./ S.

*Pois assim quiseram os deuses.*

Pausa. Siduri pega sua jarra e mexe a poção. Depois torna a olhar para o bloco escrito. Os Escorpiões a imitam.

**S.**

*Ficou bonito o rei Gilgamesh.*

**H-E./M-E.**

*Sim. Formoso. Seus olhos brilham.*

**M-E.**

*Como antes do luto.*

**H-E.**

*Como antes da luta.*

**H-E./M-E.**

*Agora ele tem o talisman.*

**S.**

*Sim, ele tem a planta sagrada.*

**M-E.**

*Vejam como se alegra.*

**H-E.**

*Que está dizendo o herói?*

O Poeta contempla com atenção o disco, tateia as inscrições, faz o gesto de quem escuta atentamente e depois fala:

**P.**

*Ele diz ao barqueiro Urshanabe que levará para Uruk o dom de Atrahasis. Conta que primeiro há de dar uma folha da erva sagrada ao homem mais velho de sua cidade, a fim de vê-lo rejuvenescer. Depois ele vai plantar a maravilha em seu jardim. Quando se sentir fraco e envelhecido, recorrerá a seu encanto. É o que diz.*

**S.**

*Sim. Eu o vejo dançando e cantando, cheio de alegria. Seus passos são firmes, rápidos. Reparem, já vai longe. Mais corre que anda. E Urshanabe mal o acompanha.*

No plano inferior entra Gilgamesh, sorridente, com a planta na mão. Há um rochedo perto da saída. Siduri e os Escorpiões continuam fitando o disco, onde se dá a entender que eles veem a cena referida, pois os três sequer olham para o espaço onde ela transcorre. Siduri descreve a ação:

**S.**

*Agora o Rei de Uruk se encaminha para uma fonte. Vai banhar-se. Deixou as vestes sobre um rochedo. Deixou a planta sobre o rochedo.*

Gilgamesh se despe e coloca a planta sobre o rochedo, tal como diz Siduri. Enquanto o herói sai por um lado, entra pelo outro um ator com um traje que lhe dá a aparência de uma serpente. Siduri continua a descrever o que se passa:

**S.**

*Vejam, lá vem uma cobra. Ela sentiu o cheiro da planta. É um perfume inebriante. A cobra avança, a cobra descobre o bom de comer.*

A serpente coleia de modo lento, come a planta e despe seu traje, deixando ver uma “pele” nova. Sugere-se um bailado.

**S.**

*Vejam, a serpente está nova. Deixou a pele antiga, tornou à mocidade*

**H-E./M-E** (lendo o disco)

*Assim será sempre.*

**S.**

*Ai, Gilgamesh! Lá se foi teu prêmio.*

Siduri, o Homem Escorpião e sua Mulher fitam agora o corpo escrito do poeta. Imobilizam-se os quatro nessa atitude.

No plano inferior, Gilgamesh retorna do banho, veste-se e procura desesperadamente a planta sagrada. Por fim ele vê a pele da serpente e se dá conta do que ocorreu. Solta um urro, se descabela. Depois de muito agitar-se em vão, senta-se no solo em posição fetal, esconde o rosto, geme, soluça e se imobiliza. Chega Urshanabe.

**UR.**

*Que há, Gilgamesh? Por que os lamentos? Foi grande o teu prêmio, foi ótima a recompensa por toda a tua tribulação. Em breve o Rei de Uruk estará de volta a sua cidade, cantando triunfo.*

Gilgamesh ergue o rosto em que escorrem lágrimas e responde:

**G.**

*Ai, Urshanabe, perdi minha vida, perdi tudo. A planta divina, meu prêmio, a serpente levou, a serpente comeu. O dragão da terra ficou com o regalo. Sofri, penei,*

*fiz longa jornada, mergulhei no abismo e nada consegui. Foi para a serpente que gastei o sangue de meu coração. Agora sei que não há jeito, a morte me vence. Ai, Urshanabe, estive tão perto da vitória! Mas tudo que achei foi luto e derrota.*

**UR.**

*Oh, Gilgamesh, assim quiseram os deuses. Nimah poderosa, a Mametu que traça os destinos, assim quis. Mas ainda há vida em teu corpo. É preciso terminar a viagem.*

Gilgamesh fica em silêncio por alguns segundos, balança a cabeça tristemente, e por fim se ergue. O barqueiro insiste:

**UR.**

*Anda, Senhor de Kulab. A jornada é longa.*

**G.**

*Sim, muito longa. Vem comigo, Urshanabe.*

Gilgamesh e Urshanabe deixam o palco. Siduri e seus companheiros voltam a mover-se. Os Escorpiões e Taberneira rodeiam o poeta, lendo seu Corpo tatuado.

**S.**

*Foi duro o golpe, mas ele se ergueu.*

**M-E.**

*É nobre.*

**S.**

*É corajoso.*

**H-E.**

*Tem dois terços de deus.*

**M-E.**

*E um terço de humano.*

**TODOS JUNTOS**

*É um pobre mortal.*

## Epílogo

No pano de fundo, imagem de Uruk. Quase no centro do palco está um poeta sentado com seu alaúde num banco rústico. Atrás dele, um coro de nobres. À escuta, um pequeno ajuntamento: pessoas do povo sentadas no chão, muito atentas. O homem afina um alaúde e toca algumas notas. Depois ele recita e o coro responde:

**PROFETA** *Celebro a luz radiante,  
que penetra na escuridão  
e mergulha no seio da terra.  
Ela atravessa o mar oceano  
e aparece de novo no céu.  
Shamash, eu te chamo.  
Ninsun, eu te invoco.  
A sabedoria  
enche meu celeiro.*

**CORO** *Eu canto os amores  
De Enlil e Ninlil,  
a gana dos deuses  
a noite e as estrelas.  
Shamash eu invoco.  
Saúdo Ninsun  
de chifres brilhantes.  
A sabedoria  
enche meu celeiro.*

**PROFETA** *Shamash, pastor  
dos que vivem na terra,  
Guardião do alto,  
que dizem os deuses?  
De Shamash vêm  
as revelações.  
Onde está o rei?*

**CORO** *Ó deus que iluminas  
a escuridão,  
teus raios em rede  
recobrem a terra,  
dissipam o mal.  
Teu olho vigia  
todas as nações.*

*Com a luz da verdade  
orvalhas a língua  
de nossos profetas.*

**PROFETA** *Escuto ansioso  
os raios de sol  
no meu alaúde.  
Procuro a radiante  
coroa de Uruk.  
Não sei onde está  
aquele que espero.  
O rei, o pastor,  
Não sei onde está.  
Que dizem os deuses?*

Gilgamesh e Urshanabe se aproximam, entrando em cena pelo lado mais distante do grupo que se entretém com o poeta e o coro. Os recém-chegados param a meio caminho, conversando de modo inaudível. Uma criança os vê chegar e chama a atenção da mãe, puxando sua roupa.

**CRIANÇA**  
*Mãe, vêm chegando dois homens. O moço parece muito forte, muito poderoso. O outro tem jeito de pescador, de gente antiga que mora no sonho. Quem são eles, mãe? Serão estrangeiros?*

**MULHER**  
*Sim, meu filho, eles parecem vir de longe. O homem mais alto deve ser um príncipe.*

Só nesse momento os circunstantes erguem os olhos e vêem os recém-chegados. O poeta se demora por um instante a fitá-los. Concentra sua atenção na figura de Gilgamesh, que diz a Urshanabe:

**G.**  
*Chegamos, Urshanabe. Lá está Uruk, a magnífica.*

Um jovem fala a um homem grisalho, mas robusto:

**JOVEM**  
*Repara nos homens que vêm chegando, meu pai. Um deles é estrangeiro, sem dúvida. O outro talvez seja de Uruk, pelo jeito como fala. Me lembra alguém que conheci, não sei quando. E tem um ar majestoso.*

**VELHO**

*É verdade, eu acho que o conheço... Deuses, será ele mesmo? Como pode ser?*

**JOVEM**

*De quem se trata, meu pai? De quem você está falando?*

**VELHO**

*Quando o vimos deixar a cidade, você era criança e eu era jovem. Agora tenho cabelos brancos e você é um rapaz. Mas ele pouco mudou. Se for quem eu penso, é um homem divino.*

Gilgamesh se aproxima. O velho avança na sua direção e se põe de joelhos:

**VELHO**

*Sim, é ele mesmo! É nosso rei que vem de longe!*

**JOVEM**

*Nosso rei? Impossível, pai. Você mesmo me disse que há muito ele deixou esta cidade de Uruk.*

**VELHO**

*O tempo não o mudou, ele tem sangue dos deuses. Minha gente, vamos saudar o rei!*

O grupo se aproxima e faz reverência a Gilgamesh. O velho chora, homens e mulheres erguem os braços para o céu e rompem numa aclamação. O coro conclama:

**CORO**

*Venham todos, Gilgamesh, chegou! É nosso rei que rompeu o tempo! É ele, o broto de Ninsun! O filho dileto de Lugalbanda!*

Gilgamesh responde aos aplausos com um aceno de cabeça e se volta para Urshanabe, apontando na direção de Uruk:

**G.**

*Veja, Urshanabe, como é bela Uruk! Contemple a muralha que a cinge, repare em seu alinhamento, admire sua perfeição. Os Sete Sábios lançaram seus alicerces. Veja as ameias, os parapeitos, as grandes torres que fiz erguer, a cidadela magnífica. Atrás dos muros se ergue o Eana, o templo do Céu. Lá está o grande santuário, a casa de Ishtar. Uruk é meu reino, o redil dos cabeças-negras. Meu povo cresce, meu nome vive.*

**UR.**

*Sim, Gilgamesh, Uruk é bonita e o povo cresce. O teu nome não será esquecido.*

O poeta tange um acorde no seu alaúde e todos se imobilizam. Cai o pano.

**FIM.**